



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

LIZANDRA FIGUEREDO MAGALHÃES DOS SANTOS

**ABORDAGEM DA HISTÓRIA LOCAL NOS LIVROS DIDÁTICOS
UTILIZADOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SOBRADINHO/DF:
ESTUDO DA APLICAÇÃO DO PLANO NACIONAL DO LIVRO
DIDÁTICO**

BRASÍLIA - DF

2015

LIZANDRA FIGUEREDO MAGALHÃES DOS SANTOS

**ABORDAGEM DA HISTÓRIA LOCAL NOS LIVROS DIDÁTICOS
UTILIZADOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SOBRADINHO/DF:
ESTUDO DA APLICAÇÃO DO PLANO NACIONAL DO LIVRO
DIDÁTICO**

Trabalho final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientador:
Professor Dr. José Luiz Villar Mella

BRASÍLIA - DF

2015

LIZANDRA FIGUEREDO MAGALHÃES DOS SANTOS

**ABORDAGEM DA HISTÓRIA LOCAL NOS LIVROS DIDÁTICOS
UTILIZADOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE SOBRADINHO/DF:
ESTUDO DA APLICAÇÃO DO PLANO NACIONAL DO LIVRO
DIDÁTICO**

Trabalho final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Aprovado em: _____

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella
Orientador – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho
Examinadora

Prof. Me. Antônio Fávero Sobrinho
Examinador

*Dedico este trabalho ao meu
marido João de Deus e a
minha filha Alice.*

AGRADECIMENTOS

Espero não cometer injustiças neste momento.

Agradecer a Deus, pela saúde, paciência nos momentos difíceis e pela família que me deu.

Ao meu marido, por ter me proposto o desafio da segunda graduação. Por entender os momentos em que fiquei reclusa para a realização deste trabalho.

À minha filha Alice, minha maior incentivadora. Obrigada por ter me acompanhado inúmeras vezes à UnB durante o curso.

Aos meus familiares em geral, minha mãe e meus irmãos que não estão por perto, mas sempre me apoiam em tudo.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, que em algum momento contribuíram para minha formação. Em especial ao meu orientador, professor José Luiz Villar, que abriu as portas do seu conhecimento para mim com tanto carinho e compreensão em um momento muito difícil em minha caminhada acadêmica e pessoal e com seu jeito compreensivo me encaminhou da melhor forma para o término desse trabalho.

À coordenadora da biblioteca regional de Sobradinho, Senhora Heloisa Beatriz, por abrir a porta do espaço cultural Rui Barbosa para que realizasse a pesquisa com os livros didáticos. Serei eternamente grata.

Agradeço imensamente a todos os funcionários do Espaço Rui Barbosa, que me trataram com carinho e permitiram que eu circulasse livremente pela biblioteca.

Também me sinto grata a todas as professoras que espontaneamente responderam a entrevista, a fim de ajudar na conclusão da pesquisa.

A todos meus sinceros agradecimentos.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.”

PAULO FREIRE

RESUMO

O presente trabalho analisou os livros didáticos de História utilizados pelas escolas de 4º ano do ensino fundamental da rede pública de Sobradinho/DF, com o intuito de verificar se eles estão em conformidade com as regras do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Especificamente, o objetivo é verificar se Sobradinho está contemplada nesses livros e de que forma a História local é trabalhada nas escolas. Para tanto, tem-se como critérios norteadores os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN; Plano Nacional do Livro Didático 2010 – PNLD; Guia do Livro Didático 2010 e o Currículo em Movimento do Distrito Federal. A metodologia de apoio à análise dos livros didáticos contou com a técnica de entrevista semi estruturada com professoras de Escolas Classe, na Região de Sobradinho, a fim de saber como e se o livro didático de História é usado como recurso didático pedagógico em sala de aula, e se contribui para o ensino de História local nessa Região Administrativa. Observou-se que todos os livros analisados atenderam parcialmente aos quesitos solicitados pelo edital do PNLD 2010. Não obstante, as professoras entrevistadas mostraram-se descontentes com o material didático disponibilizado, subutilizando-os e tendo a necessidade de utilizar material complementar. Sugere-se que no futuro, maior autonomia dos professores na escolha do livro didáticos de História local. Para tanto, discussões devem ser realizadas com grupos de professores onde este material será utilizado, levando-se em consideração a vivência destes em sala de aula.

Palavras-chave: Material Didático; História regional; Região Administrativa.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	14
RESUMO	16
I. MEMORIAL	18
II. MONOGRAFIA	14
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - O ENSINO DE HISTÓRIA NA HISTÓRIA BRASILEIRA	19
1.1. LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL	21
1.2. HISTÓRIA LOCAL	25
1.3. DISTRITO FEDERAL E SOBRADINHO	28
CAPÍTULO 2- NOTAS SOBRE O PERCURSO DE PESQUISA	33
2.1 ESCOLHA DAS ESCOLAS PARA ENTREVISTAS.....	36
CAPÍTULO 3- ANÁLISE E RESULTADOS.....	40
3.1. PRIMEIRO LIVRO: ÁPIS.....	40
3.2. SEGUNDO LIVRO - DE OLHO NO FUTURO	44
3.3. TERCEIRO LIVRO 3 -EU GOSTO	46
3.4. QUARTO LIVRO - PROJETO BURITI	49
3.5. QUINTO LIVRO- A ESCOLA É NOSSA	52
3.6. SEXTO LIVRO – CONHECER E CRESCER.....	55
3.7. ANÁLISE DOS LIVROS REGIONAIS	58
3.8. LIVRO REGIONAL -HISTÓRIA DO DISTRITO FEDERAL.....	59
3.9. LIVRO REGIONAL - DISTRITO FEDERAL: HISTÓRIA E SOCIEDADE	64
3.10. ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA GERAL.....	67
5.3. ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DE HISTÓRIA LOCAL.....	73
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXO A.....	84
ANEXO B	85
ANEXO C	86
ANEXO D.....	87

I. MEMORIAL

Escrever esse memorial não é tarefa simples, pois se trata da junção da minha história na graduação e os ganhos obtidos academicamente. Percebi que é um grande trabalho essa junção com da minha vida pessoal, social, familiar, escolar, com o mundo do trabalho. Em fim, contar a minha história em poucas páginas não será fácil. É o que diz Severino (2007, p.175).

“O Memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido”.

Diferentemente de muitos relatos de memoriais que li aqui na UNB, não falarei da minha vida acadêmica pregressa. Utilizarei esse espaço para contar os meus ganhos acadêmicos a partir do primeiro dia de aula e o percurso até chegar a esse trabalho de conclusão de curso, seguindo assim, as Diretrizes do Projeto 5, disponível no site da FE, desde 2011.

“Entende-se por “memorial” um trabalho de reconstituição do itinerário percorrido pelo(a) estudante ao longo do curso de Pedagogia, identificando o percurso vivenciado objetiva e subjetivamente, refletindo sobre ele e resignificando no presente o seu processo formativo. Entende-se que, nesse momento, os estudantes estão em condições de fazer um primeiro e sério “balanço” das suas vivências ao longo do processo, redigindo acerca de suas experiências¹”. (FE, 2011, p. 3).

A decisão de voltar para universidade, cursar Pedagogia, foi um grande passo e foi movida pela vontade de ter uma educação melhor no mundo para minha filha Alice, que tinha acabado de nascer há quatro anos.

O primeiro ano na universidade passou tranquilamente, sem muitas dificuldades acadêmicas. Fiz amigos incríveis que em quatro anos de Jornalismo não consegui.

As relações interpessoais não foram um grande problema para mim, nem mesmo para minha filha que me acompanhou desde os quatro meses de vida para a

¹ Diretrizes do Projeto 5 – Natureza do Projeto 5, Brasília, 2011. Disponível em <http://www.fe.unb.br/images/graduacao/Diretrizes-projeto5.pdf> . Acessado em 15 nov.14.

UNB. Fiz o curso todo no período noturno e como meu marido viajava muito, a única solução era levá-la comigo.

Fui apresentada aos Projetos logo no primeiro semestre. E aí sim os problemas começaram a aparecer. Os projetos são parte obrigatória do currículo do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNB, o qual se forma a coluna vertebral do curso. Nele o aluno deve seguir desde o início do curso até o fim, para que tenha um fio condutor ao Trabalho Final de Curso.

O projeto I é ofertado logo no primeiro semestre, a fim de integrar e começar a construir a identidade profissional individual, baseada nos ditames do Projeto Pedagógico do Curso. Baseada na regência, atividades orientadas, busca bibliográfica essa formação profissional e epistemológica começa a acontecer.

O projeto II é uma continuação do primeiro, levando o futuro educador a fazer opções quanto ao seu perfil profissional a partir de reflexões baseadas em buscas bibliográficas, regência, investigação e atividades orientadas. A partir desse momento os projetos começam a ter as seguintes características: Ensino/Pesquisa/Extensão.

O objetivo é que a todo o momento a formação do futuro pedagogo seja articulada entre teoria e prática e que culmine na síntese de um Trabalho Final de Curso.

No terceiro semestre surgiu um complicador no meu currículo, abriu-se um leque gigantesco de possibilidades de projetos que poderiam ser feitos e outros que gostaria de fazer e não poderia por causa do horário.

O projeto comporta três etapas, sendo duas obrigatórias. Essa etapa seria para escolha e exploração do campo de trabalho que o aluno deseja. A natureza desses projetos podem assumir o formato de ensino, pesquisa ou extensão, com o objetivo de assegurar maior variedade ao caráter formativo do pedagogo.

Como Projeto III Pespe I escolhi a área temática Gestão e Tecnologia Educacional. Esse projeto me ajudou bastante a entender as políticas públicas e o funcionamento do financiamento da educação e a distribuição de recursos para

escolas públicas, estudando a fundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação.

Já o Projeto III Pespe II e as duas fases do Projeto IV foram feitos na área temática da Economia Solidária, em uma linha voltada para educação Hospitalar. Foi desenvolvido um trabalho no Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB) "Educação e saúde: A pedagogia do riso e a contação de histórias aplicada em hospitais".

A construção do projeto estava alicerçada na contação de histórias, nas brincadeiras pedagógicas e na afetividade, pois ao brincar a criança se humaniza, aprendendo conciliar de forma efetiva a afirmação de si mesma à criação de vínculos efetivos duradouros.

“Para a formação de criança pequena o brincar e o sorrir é essencial, de tal modo que se torna necessário trabalhar o lúdico na sala de aula de maneira que as nossas ações venham contribuir para o desenvolvimento integral da criança, de maneira que é por meio da brincadeira que ela aprende a respeitar regras, ampliar seu relacionamento social e respeitar a si mesma e aos outros”. (Barros 2007, pág. 2).

Devido a divergências de interesses tanto dentro do grupo de pesquisa, quanto no hospital, o projeto foi finalizado.

Como vinha há mais de um ano e meio acompanhando a disciplina História, Identidade e Cidadania, como monitora, resolvi entrar no grupo de pesquisa ao qual a disciplina é ligada Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero (GEPPHERG). Nos encontros, me propuseram a pesquisar nos livros didáticos um tema que me interessasse.

Interessei-me pelo próprio objeto, o qual hoje investigo no projeto 5 para o Trabalho de Conclusão de Curso. O tema Plano Nacional do Livro Didático e seus impactos no ensino de História em Sobradinho/DF, a fim de descobrir se os livros didáticos utilizados nas escolas públicas de Sobradinho abordam de maneira adequadas a História de Sobradinho de acordo com as diretrizes exigidas pelo PNLD. A Região Administrativa (RA) de Sobradinho foi escolhida para estudo por motivos de proximidade e afetividade, pois moro há 12 anos lá e minha filha estuda nessa cidade, surgindo assim um maior interesse pelo método pedagógico utilizado pelas escolas públicas dessa RA.

II. MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa atender ao requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Busca pesquisar sobre um dos mais importantes recursos pedagógicos utilizados em sala de aula – o livro didático; e entender se os mesmos cumprem as orientações estabelecidas na Política Nacional do Livro Didático – PNLD, considerando alguns aspectos.

O interesse pelo tema surgiu em uma reunião do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero – Geppherg, acompanhado desde o junho de 2014. Pelo fato de a História perpassar todos os outros temas transversalmente, ligando-os, o livro didático sempre foi citado nas discussões, como material didático pedagógico de apoio, mas nunca foi colocado à prova, pelos atuais componentes do grupo.

A fim de investigar se os livros didáticos utilizados nas escolas públicas na atual Região Administrativa de sobradinho estão de acordo com as diretrizes do PNLD e trabalham a História local de maneira adequada, o trabalho foi desenvolvido da seguinte forma:

i) O primeiro capítulo traz uma revisão do referencial teórico ligado a importância do ensino de História; à História local; ao PNLD e suas raízes históricas, bem como a importância na contemporaneidade; a História da criação do Distrito Federal; e a tão pouco contada História de Sobradinho. Ainda nesse primeiro capítulo existe a necessidade de explicar a diferença entre as terminologias Brasília e Plano Piloto e Região Administrativa e Cidade Satélite.

No Segundo Capítulo foram descritos a metodologia e os procedimentos de escolha dos livros didáticos analisados e das escolas que foram aplicadas entrevistas semi estruturadas com os professores. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, que tem como uma de suas estratégias mais utilizadas no trabalho de

campo, a entrevista, técnica privilegiada de comunicação e coleta de dados. A proposta foi entrevistar professoras de Escolas Classe de Sobradinho que trabalham com os livros mais utilizados na Região de Sobradinho. Minayo (2010, p. 57), descreve que o método qualitativo pode ser definido como:

“... é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

Durante três semanas foram feitas entrevistas com professoras de seis Escolas Classe de Sobradinho, com o objetivo de descobrir como a História de Sobradinho e do Distrito Federal são trabalhadas em sala de aula. Essas entrevistas estão interligadas com os resultados das análises dos livros didáticos presente no terceiro Capítulo que discutiu os resultados relacionados à análise dos livros didáticos pré- selecionado e das entrevistas realizadas.

No quarto Capítulo foram apresentadas as considerações finais tentando-se fazer um paralelo entre as entrevistas das professoras, os livros analisados e a análise comparativa.

Este trabalho analisa livros didáticos de História utilizados nas escolas públicas na Região Administrativa de Sobradinho, mas não tem como propósito discutir todos os enfoques referentes ao livro didático, e sim, analisar uma questão pontual, de expressiva importância, que compreende o ensino de História Local e Regional utilizado nos livros didáticos, material metodológico e didático utilizado em sala de aula pelo professor.

A preocupação com esta temática teve origem com a investigação do material didático utilizado nas escolas públicas para o ensino de História Local, a fim de compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem, e ao constatar que o livro didático é o principal método de apoio teórico do professor (Berutti e Marques, 2009, p. 97.)

O interesse pelo tema partiu da observação de livros didáticos de História local e da constatação preliminar que Sobradinho não era contemplada nos livros entre as poucas Regiões Administrativas estudadas, tornando assim o meu objeto e objetivo de estudo.

“A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”. Samuel (1990, p. 220).

A temática História Local fundamenta-se em uma proposição expressa nos Parâmetros Curricular Nacionais (PCN) sob a denominação História Local e do Cotidiano, relacionando-se com a identidade regional. Nesse eixo temático voltado ao primeiro ciclo, recomenda-se que seja focado no contexto curricular da escola diferentes histórias pertencentes ao local onde o aluno vive, dimensionadas em diferentes tempos.

A noção de identidade é como uma construção, na qual, a História Local torna-se um marco inicial para que o aluno entenda as diferentes constituições identitárias numa sociedade em constante mutação. Segundo o autor Luiz Alberto Marques Alves (2006), destaca:

“A atitude mais antiga do espírito humano consiste em rejeitar as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas dos outros com quem não nos queremos identificar. Esta visão ingênua, mas profundamente enraizada no nosso cotidiano leva-nos a falar em ‘nossa casa’, ‘nossa rua’, ‘nossa comida’, ‘nosso bairro’, ‘nossa música’, ‘nossa aldeia’, ‘nossa região’. A identidade tanto se refere às raízes, como ao patrimônio, à memória como aos valores, ao presente como ao futuro. Sendo assim não é um dado adquirido, mas é um processo em construção”. (ALVES, 2006, p. 70).

A experiência vivida pelo indivíduo se expande quando associada com estruturas temporais que extrapolam o tempo de vida, ou seja, o Ensino História local, na perspectiva de Alves (2006), proporciona ao aluno entender a sua vida dentro de representação temporal que conecta o passado, presente e futuro. O entendimento da vida no tempo permite a construção de identidades históricas, função principal da consciência histórica.

O ensino de História Local mostra-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre professor/aluno/sociedade e o meio em que vivem e operam. O local é o espaço de atuação do homem, por isso, o ensino da História Local precisa configurar também essa proposição e dar

oportunidade à reflexão permanente acerca dos atos dos sujeitos históricos e dos cidadãos.

O PCN ainda traz o pressuposto que o aluno pode apreender a realidade na sua diversidade e nas múltiplas dimensões temporais. Destacam os compromissos e as atitudes de indivíduos, de grupos e de povos na construção e na reconstrução das sociedades, propondo questões locais e regionais.

O currículo em movimento do Distrito Federal (documento orientador para a organização curricular e referências de conteúdo para assegurar a formação básica comum da educação básica) orienta que o estudo de História no ensino fundamental deve incentivar reflexões sobre relações entre o passado e o presente, estabelecendo espaços conexões entre locais, regiões e o mundo possibilitando ao aluno a ampliação e a compreensão de sujeito histórico e crítico, que tem autonomia para organizar estratégias de intervenção na realidade diante de questões sociais, políticas individuais e coletivas.

“(...) O ensino, a aprendizagem e o processo avaliativo – numa perspectiva formativa - da história no Distrito Federal-DF precisam contemplar a realidade histórica, social, política, econômica, cultural e ambiental de diferentes regiões administrativas, considerando as complexas realidades da juventude e suas problemáticas socioeconômicas e culturais, bem como segregação espacial de Regiões Administrativas do Distrito Federal e entorno.” Brasil (Currículo em Movimento, p.112).

Nesse sentido, o livro didático, pode ser uma das principais ferramentas no processo de escolarização e tem grande alcance e desdobramento no ensino-aprendizagem. Desse modo, torna-se importante o estudo dos livros didáticos utilizados nas escolas públicas do Distrito Federal, a fim de avaliar se estão alinhados com a Política Nacional do Livro Didático, no sentido da abordagem da História regional e local no material didático.

A autora Selva Guimarães defende o estudo e o uso do livro didático, pois ele é um dos principais métodos didático-pedagógicos que servem ao professor em sala de aula.

“O livro didático é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que tem acesso à educação escolar. Alguns educadores, ao

se referirem ao do livro didático, afirmam: "Ruim com ele, pior sem ele". (Fonseca, 2003, p.49.)

Na perspectiva dos livros didáticos, previamente analisados, e da frase acima citada por Selva Guimarães torna-se inevitável investigar os livros didáticos e saber se eles abordam a História local do Distrito Federal e de Sobradinho de forma adequada, de acordo com as diretrizes Nacionais do Livro Didático.

CAPÍTULO 1 - O ENSINO DE HISTÓRIA NA HISTÓRIA BRASILEIRA

Por que estudar história do passado se vivemos hoje? Para responder essa pergunta, deve-se considerar que a História é uma ciência humana básica na formação do aluno e pode dar possibilidade de fazê-lo compreender a realidade que o cerca, logo, mediando a formação do seu espírito crítico, que o habilitará a interpretar essa mesma realidade.

História é uma disciplina suscetível de várias abordagens - que até há pouco tempo não estavam em sala de aula, mas que hoje devem ser vistas com destaque. Portanto, tornou-se iminente o trabalho com diversas fontes e o relacionamento do passado com o presente.

“O estudo da história do ensino de História pode esclarecer muito mais do que se imagina as questões que envolvem o trabalho de historiadores e de professores de História”. (Fonseca 2006, p. 07).

“Primeiramente, o ensino de História se explica pelo vínculo com a História sacra. Na Idade Média, o ensino da História sacra se concretizou como regra em estabelecimentos religiosos. Antes de ser expulsa pelo Marquês de Pombal, a Companhia de Jesus foi responsável pela Educação escolar que era organizado pelo *Ratium Studiorum* até 1759. Influenciada pelas ideias iluministas, a administração pombalina começou a gerenciar a educação naquele momento. No Brasil colonial as aulas eram oferecidas de forma avulsa, por que havia falta professores e materiais didáticos, o que não proporcionava grande rendimento. Apenas após a concepção de um currículo houve ordenação das disciplinas e do próprio ensino de forma geral”. (Mantovani, 2009, p. 18).

Mantido pelo imperador e com o objetivo de elaborar uma História nacional foi criado em 1838 o “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. O ensino de História tornou-se, naquele momento uma ferramenta do Estado na construção de uma História brasileira direcionada à glorificação da colonização portuguesa e a evangelização da Igreja Católica. Durante parte do século XX, os programas curriculares de História foram moderados pelo Estado em desígnio de suas demandas, a criação de cidadãos. (Mantovani, 2009, p. 19).

A História adquiriu decididamente a posição de disciplina escolar nas décadas de 1930 e 1940, e, dessa forma, era mais fácil difundir as opiniões políticas de nação e de patriotismo segundo o que queria o governo de Getúlio Vargas.

Na era Vargas, o controle do ensino de História para edificação de uma identidade nacional foi amplamente usado. Para Fonseca (2006), elaborando e utilizando imagens de heróis nacionais como Tiradentes, o governo Vargas queria consolidar um discurso que arregimentasse os brasileiros ao seu ideal de nação e, mesmo, às suas atuações internacionais como a ida de soldados brasileiros para campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. (Fonseca, 2006, p. 81).

A temática regional, que fora reprimida durante a era Vargas, retorna com força durante os anos 1950, graças à pressão política de movimentos populares diversos. Nos anos 60 foi apresentada uma grande preocupação com os métodos de ensino e experimentação pedagógica, porém esse avanço foi interrompido pela ditadura militar.

O período militar foi marcado pela censura e pela ausência de democracia, dando destaque às pressões econômicas e político-ideológicas que a História ensinava. Os livros didáticos sofreram com esse contexto que na maioria das obras era constatado uma perspectiva de civismo e de determinada conduta dos indivíduos na esfera coletiva. (Fonseca, 2006, p. 81).

A partir da reforma de 1971, lei nº 5692, o Estado estabelece os Estudos Sociais, reunindo conteúdos História e Geografia às disciplinas Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira. Essa foi voltada para a propagação da política repressiva do Estado ditatorial.

A democratização e voto direto voltaram às discussões na década de 1980, com ela os direitos sociais e a educação também voltou a ser tema emergencial. Em relação ao ensino de História, os destaques são as propostas curriculares, onde o conteúdo privilegiado é a História local, regional e nacional, levando em consideração que as instituições começaram a atender todas as camadas sociais.

Com a democratização do Estado, surgiu a democratização da educação. A assembleia constituinte contou com apoio da população para elaborar uma nova Constituição Federal em 1988 e seus frutos foram colhidos mais tarde na criação promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, lei nº 9394 de 1995, seus artigos versam sobre os mais diversos temas da educação brasileira, desde o ensino infantil até o ensino superior. (Silva, 2012, p.808).

Com o fim dos Estudos Sociais nos currículos escolares em 1997, História e Geografia voltaram a ser separados. Estudiosos iniciam pesquisas sobre as peculiaridades de cada uma das disciplinas.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1998 são determinados os objetivos da área. Entre eles está o de formar indivíduos de modo que eles se sintam parte da construção do processo histórico. Isso representa a influência de organismos internacionais na educação brasileira, como foi o caso da Unesco, mas também sinaliza o reconhecimento do potencial de coletivos organizados do Brasil na década de 1980.

Já no século XXI, o Conselho Nacional da Educação determina, em 2003, que a História e a cultura afro-brasileira sejam lecionadas em todas as escolas, o que indica uma ação oficial para desligar o ensino brasileiro da visão eurocêntrica.

1.1. LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

Neste momento se faz necessário retomar a trajetória do livro didático no Brasil e identificar as ordenações contidas no Plano Nacional do Livro Didático-PNLD, no que diz respeito à obrigatoriedade do ensino de História Local.

O livro didático é um dos recursos pedagógicos mais utilizados em sala de aula e nele devem ser encontrados alguns critérios específicos para o ensino de História, segundo o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. Esse recurso deve conter uma boa qualidade editorial e gráfica, apresentar uma diversidade teórico-metodológica e obter atualização de conteúdos na área e propiciar ao aluno uma orientação pedagógica clara, além de ser um material estimulante e acessível para a aprendizagem da disciplina.

A utilização sistemática do livro didático no ensino brasileiro remonta ao período imperial, com a chegada da Família Real e da instalação da Imprensa Nacional, que oferecia produções e publicações de textos didáticos no século XIX.

Na época do Império a censura da imprensa era realizada pelas forças políticas do Estado e da Igreja. O único jornal de oposição à política de D. João VI, nesse período, era o *Correio Brasiliense*, impresso em Londres. (Boratto et al 2004, p.5).

Em 1827 surgem no País autores “preocupados com a organização dos cursos secundários e superiores, que esboçam algumas contribuições para o ensino das primeiras letras”. (Bittencourt, 2004, p.48).

O governo brasileiro só veio interferir na elaboração dos livros didáticos durante o Estado Novo, em 1930, com a criação da Comissão Nacional do Livro Didático, cujas atribuições envolviam estabelecimento de regras para a produção, compra e utilização do livro didático.

Durante o período militar a compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento especial do poder público em contextos diferenciados, todos marcados pela censura e ausência de liberdades democráticas. Esse momento também foi caracterizado pelo progressivo aumento da população escolar, em um movimento de massificação do ensino, cujas consequências acabariam por deixar marcas permanentes no sistema público de ensino, e que persistem como o seu maior desafio no que diz respeito à qualidade do ensino. A associação entre os agentes culturais e o Estado autoritário transcendeu a organização do mercado consumidor da produção didática e envolveu relações de caráter político-ideológico, cujas repercussões sobre o conteúdo dos livros didáticos foram marcantes, especialmente pelo aspecto de civismo presente na grande maioria das obras, bem como pelo estímulo a uma determinada forma de conduta do indivíduo na esfera coletiva. (Miranda et al 2004, p.105).

Posteriormente, em 1966, com o papel de incentivar, coordenar e executar as atividades do MEC relativas à produção e distribuição de livros técnicos e didáticos, foi criada a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED). A COLTED enviava a lista de livros didáticos e técnicos já publicados ao MEC (depois de aprovados e selecionados por entidades especializadas), solicitava livros novos e providenciava autores e editoras que seriam responsáveis por eles. Os títulos aprovados eram adquiridos para distribuição às bibliotecas escolares. Para as editoras este era um grande negócio. Depois de adequar seus *produtos* às exigências governamentais, todo o estoque da produção tinha um comprador garantido. (Munakata 1997, p. 49).

Na década de 1970, o MEC começou a produzir livros didáticos em coedição com o setor privado. Esta missão foi dada ao Instituto Nacional do Livro e, posteriormente, à Fundação Nacional de Material Escolar.

Em 1976 foi redefinida a política do livro didático, a partir do decreto nº. 77.107, onde passava a responsabilidade Programa do Livro Didático (PLID) para a Fundação Nacional do Material Escolar. Entre as competências dessa fundação estavam “a) definir as diretrizes para a produção de material escolar e didático e

assegurar sua distribuição em todo o território nacional; b) formular programa editorial; c) executar os programas de livro didático e cooperar com instituições educacionais, científicas e culturais, políticas e privadas, na execução de objetivos comuns”. (MEC/FENAME, Apud Mantovani 2009, p.31).

Por volta dos anos 1980 foi estabelecido um vínculo governamental entre a criança carente e a distribuição de material didático, que visava colaborar no desempenho da política governamental e cultural do país, dando assistência ao aluno financeiramente carente. (MEC/FENAME, Apud Mantovani 2009, p.31).

A Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) foi criada em 1983, absorvendo os programas que eram da alçada da Fename, órgão ligado ao MEC. No mesmo ano, o Programa do Livro Didático (PLID) foi incorporado à FAE. Em 1984, deu-se fim ao sistema de coedição, passando o MEC a ser comprador dos livros produzidos pelas editoras participantes do PLID.

Em 1985, por meio do decreto nº 91.542 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que nasceu com o objetivo de distribuição de livros didáticos gratuitos e de forma sistemática a todos os alunos da educação básica de escolas públicas do País.

Em 1996 a FAE foi extinta, ficando a cargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) – autarquia federal, vinculada ao MEC, criada em 1968 – a execução do PNLD, com recursos oriundos principalmente do Salário-Educação.

Hoje o PNLD é efetuado em ciclos trienais (de 03 em 03 anos) alternados. Assim, a cada ano o FNDE obtém e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas.

A partir da resolução Nº 6, de julho de 1993, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), foi estabelecido recursos para aquisição de livros didáticos para alunos de escolas públicas de ensino fundamental, assegurando a aquisição e distribuição de livros. Somente em 1996 começou o processo de avaliação pedagógica dos livros didáticos inscritos no PNLD, que foi publicado no Guia de Livros Didáticos.

O edital do PNLD de 2010 (Pag. 41) destaca as características que os livros regionais devem ter. São impressos que registram a experiência de grupos que se identificam por fronteiras espaciais e socioculturais, seja na dimensão de uma

cidade, um estado ou uma região do Brasil e que são utilizados em situação didática no ensino de história. A produção de tais livros deve respeitar os mesmos critérios relacionados e, também, não pode em nenhuma hipótese incorrer nos seguintes equívocos abaixo:

- ” Deixar de explicitar os conceitos de local e/ou região empregado na obra;
- Interpretar a realidade regional de forma estereotipada, classificando identidades locais como superiores ou inferiores, veiculando regionalismos xenófobos, estimulando o conflito entre formações sociais que tiveram trajetórias marcadamente diferenciadas;
- Abordar a experiência regional isoladamente, sem levar em conta as suas inter-relações com processos históricos em macroescala, na longa duração, ocorridos para além das fronteiras regionais.
- Abordar a experiência local, apenas, como repetição abreviada de processos históricos em macroescala, ocorridos para além das fronteiras regionais;
- Abordar a experiência local, apenas, em seus traços pitorescos e anedóticos, assemelhando o livro didático a um roteiro para a visita turística”. (Edital PNLD 2010, p.41).

Em 2011, novos procedimentos para PNLD foram estabelecidos, o novo regulamento estipula que apenas as escolas Federais e as redes de ensino que tenham aderido formalmente ao Programa, mediante assinatura de termo específico disponibilizado pelo FNDE. Essa adesão precisa ocorrer uma única vez. Assim, as escolas federais e redes de ensino que já aderiram não precisam firmar termo de adesão novamente e serão automaticamente atendidas pelo PNLD.

Assim, é importante e necessário que as escolas adotem livros didáticos que abordem o tema relacionado ao ensino local e regional de História, levando em consideração o aconselhamento do MEC e do PNLD sobre essa temática.

Desde 2013, os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental que estudam em escolas públicas da área rural recebem um material didático específico. As obras do PNLD Campo compreendem a alfabetização matemática, letramento e alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia.

A coleção tem formato diferenciado (multisseriada e seriada) de modo a diferenciar a oferta de projetos pedagógicos aos professores. Além disso, essas coleções consideram as especificidades do seu contexto social, cultural, ambiental, político e econômico. A seleção e a distribuição das coleções, que são consumíveis

são trienal e integral, havendo ainda complementação anual para cobertura das matrículas adicionais.

1.2. HISTÓRIA LOCAL

O local é o primeiro espaço no qual o ser humano vive e atua, sendo assim, o ensino da História Local precisa representar também essa proposta de proporcionar a reflexão constante acerca das ações dos que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos.

Ensinar história local não é trocar o ensino da História geral e do Brasil, mas se trata de um aperfeiçoamento da História, de saber que cada localidade possui sua história e que ela deve ser transmitida. O professor tem um papel fundamental na construção do saber Histórico, uma vez que:

“[...]a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (Fonseca 2006, p.89).

Saber que a sua realidade histórica está inserida no mundo e não isolada deste traz todo um significado de pertencimento e valorização das múltiplas identidades culturais e sociais as quais estão expostos, respeitando-as.

Estudar questões locais é essencial para que os alunos entendam melhor as relações que existem entre sua região e o restante do planeta, porque esta consciência os ajuda a analisar historicamente os acontecimentos, lhes possibilita uma visão analítica sobre os fatos de suas vidas, auxiliando para uma mudança de comportamento em relação à própria vida.

Não existe fórmula, mas uma forma de deixar o ensino de História mais interessante é prender a atenção do aluno com assuntos que lhe chamam a atenção, com temáticas que o fazem refletir e associar o seu dia-a-dia com os conteúdos escolares, os conteúdos tornam-se mais compreensíveis.

“Destarte, o ensino de história local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir e de prenunciar a formação de um raciocínio histórico que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima” (Barbosa, 2006, p. 57).

O Currículo em Movimento do Distrito Federal (SEEDF, 2013, p. 100) destaca ainda, que o ensino de História esta ligado à composição do conhecimento de identidades individuais, sociais e coletivas que envolvem o conhecimento histórico local e do cotidiano, do eu e do outro, dentro de um espaço temporal.

O mesmo Currículo ainda aponta a importância do sujeito na construção da História e de seus espaços:

“O sujeito é o construtor de seus espaços e o faz a partir de suas vivências e experiências, individuais e sociais. Não é um ser isolado no mundo, mas goza de uma autonomia relativa, que está relacionada a seu estar no mundo. Desta forma, sua aprendizagem acontece com o desenvolvimento de sua subjetividade construída por experiências vividas”. (SEED, 2013 p.106).

O reconhecimento do ensino da História Regional é recente. Iniciou-se em meado dos anos 1980, trazendo um novo olhar, ou perspectiva para o ensino de História: a aproximação das pessoas do processo histórico, rompendo com a história objetiva e tradicional, enriquecendo a historicidade de pessoas comuns. Trazendo à tona fatos, personagens e lugares comuns ao estudante, proporciona sua aproximação com a disciplina e faz com que compreenda a relação lógica entre passado e presente. Tem como objetivo buscar elementos que ajudem na compreensão da história das sociedades e suas conexões com o poder. Assim, a forma de abordagem da História Local é diferente da tradicional, que ao ser apresentada nos livros didáticos de forma pronta e acabada, torna o educando um ser passivo diante do saber e distante do processo histórico.

“[...] que o ensino de História deve efetivamente superar a abordagem informativa, conteudista, tradicional, desinteressante e não significativa- para professores e alunos- e que uma das possibilidades para esta superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando é necessário haver uma abordagem e desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização, da compreensão e explicação histórica e o contato com documento”. (BITENCOURT, 2004, P.121).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)- Lei nº 9.394/96 – o artigo 26, ressalta que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve ressaltar as características regionais e locais da

sociedade e da cultura, o que gera lugar para a construção de um projeto de ensino de História Local pensado para a disseminação do patrimônio cultural dos municípios e estados. Seu campo de ação é importante para a preservação histórica de culturas, por exemplo, que não usam a escrita, como algumas populações indígenas, as quais apresentam culturas particularmente únicas. Essa perspectiva da história visa a ressignificação do olhar do educando, a partir da sua problematização com o objetivo de o aluno perceber o seu entorno como uma construção histórica.

Conduzir o educando a debater o conteúdo sugerido é um meio eficiente de fazer o ensino mais agradável para o aluno, garantindo, assim, o aproveitamento das aulas.

“[...] quando o professor consegue cativar seus alunos com assuntos que lhe chamam a atenção, com temáticas que o fazem refletir e associar o seu dia-a-dia com os conteúdos escolares, os conteúdos tornam-se mais compreensíveis. Desta forma, os alunos passam a gostar de aprender história”. (PAIM E PICOLLI, 2007).

A história oral também constrói uma ferramenta fundamental de trabalho, quando se trata do ensino de História Regional, pois possibilita trazer à tona as lembranças dos lugares de memória, em paralelo à representação do patrimônio tombado que tem relação com os elementos da produção historiográfica regional, correlacionando-se à versão oficial de uma história local e regional que “idealiza” uma identidade cultural comum, trazendo marcos históricos, mitos, brasões, enfim toda uma simbologia que assume significados culturais baseados por citações teóricas e bibliográficas.

A História Oral é a subjetividade de quem expõe a memória falada, que fornece às fontes orais o elemento valioso que nenhuma outra fonte tem. A História Oral, mais do que sobre acontecimentos, fala sobre significados.

“[...] Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive”. (Samuel, 1990, p.230).

Estudar questões locais é imprescindível para que os alunos entendam melhor as relações entre sua região e o restante do planeta, porque este entendimento os ajuda a refletir historicamente os acontecimentos, proporcionando uma visão mais crítica sobre os episódios de suas vidas, colaborando para uma transformação de atitude com relação à própria vida.

“O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais”.(PAIM e PICOLLI, 2007).

1.3. DISTRITO FEDERAL E SOBRADINHO

A idealização da construção de uma nova capital para o Brasil vem muito antes de Juscelino Kubitschek e é atribuída ao Marquês de Pombal. Os inconfidentes mineiros, em 1789, incluíram a transferência da capital para o interior como um dos objetivos de seu movimento².

Logo após a independência, na sessão da Assembleia Geral Constituinte do Império em 07 de junho de 1823, o deputado Antônio Ferreira França leu o memorial de José Bonifácio de Andrada e Silva, onde recomendava a instalação da capital na recém-criada comarca de Paracatu do Príncipe. O nome seria Brasília ou Petrópole.

Depois de 1839, começou-se a imaginar que se a construção de uma cidade no Planalto Central, entre os rios São Francisco, Maranhão ou Tocantins, era viável. A Constituição de 1891 estabeleceu a mudança da Capital, fato este aprovado pela Constituição de 1934.

Na Assembleia Nacional Constituinte, em 1946, as ideias foram divergentes quanto ao local de implantação nova capital. O, então deputado, Juscelino Kubitschek defendeu a localidade de Pontal, no Triângulo Mineiro, como mais adequada para a instalação do novo Distrito Federal; o deputado Artur Bernardes sugeriu que se repetisse simplesmente o texto da constituição de 1891; já o deputado João Café Filho opinou a favor de Goiânia. Por fim, a Constituição de 18

² Breve História da Construção de Brasília, com ajustes. Retirado do site << http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:88YTU6H_x38J:www.df.gov.br/processo-de-selecao-2009/doc_download/149-breve-historia-do-distrito-federal-.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acessado em 10 out. 14.

de setembro de 1946 determinou que a capital fosse transferida para o Planalto Central³.

Em seu primeiro comício de campanha eleitoral, o candidato a Presidente da República Juscelino Kubitschek, em Jataí/GO, no dia 4 de abril de 1955, quando interrogado em praça pública se de fato efetuaria a mudança da capital, respondeu que cumpriria a constituição.

Em 15 de março de 1956, já empossado, Kubitschek assinou a Mensagem de Anápolis, lançando as bases da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, Novacap, transformada na Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956, cujo artigo 33 sacramentou o nome “Brasília” para a futura capital.

O engenheiro Israel Pinheiro foi nomeado como o primeiro presidente da Novacap, dando início aos trabalhos de terraplenagem em 03 de novembro de 1956.

As máquinas acionadas pelos trabalhadores vindos de todos os pontos do país, principalmente do Nordeste, começaram a tornar realidade o plano piloto elaborado por Lúcio Costa e executado por Oscar Niemeyer.

Antes mesmo da inauguração de Brasília, Israel Pinheiro foi nomeado Prefeito da Capital, em 17 de abril de 1960. Em 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek.

Somente em novembro de 1986, houve pela primeira vez eleições na capital. Em 1987, a Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte aprovou a autonomia política do Distrito Federal. Ainda em 1987, Brasília foi declarada pela UNESCO Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, ficaram estabelecidas, em seu artigo 32, as eleições diretas para Governador, Vice - Governador e 24 (vinte e quatro) Deputados Distritais, estes tiveram como primeira atribuição a elaboração da Lei Orgânica do Distrito Federal, promulgada em 1993 e publicada no Diário Oficial do Distrito Federal – DODF de 09/06/93⁴.

^{3 3} Breve História da Construção de Brasília, com ajustes. Retirado do site << http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:88YTU6H_x38J:www.df.gov.br/processo-de-selecao-2009/doc_download/149-breve-historia-do-distrito-federal-.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acessado em 10 out. 14.

^{4 4} Breve História da Construção de Brasília, com ajustes. Retirado do site << http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:88YTU6H_x38J:www.df.gov.br/processo-de-selecao-2009/doc_download/149-breve-historia-do-distrito-federal-.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acessado em 10 out. 14.

Existe uma confusão de terminologias, usa-se muito Plano Piloto ao invés de Brasília. Lassance explica a diferença. "Plano Piloto é a concepção urbana de Brasília e Brasília é o conjunto urbano construído em decorrência do Plano Piloto concebido". (PRG-DF/ 1990)... Plano Piloto não é um lugar existente em Brasília ou no Distrito Federal. É a concepção urbana da cidade. Concepção é o ato de criar, gerar ideias. É a maneira de formular uma ideia original. Assim como o projeto de casa não é a casa, o Plano Piloto de Brasília, não é Brasília. Brasília é a materialização do plano". (Lassance, 2002, p.33).

O Distrito Federal foi dividido em Regiões Administrativas. Atualmente, 2014, existem 31 Regiões Administrativas. Criadas em 1964 pela Lei Federal nº 4.545 e ratificadas pelo Art. 10 da Lei Orgânica do DF em 1993. As Regiões Administrativas são áreas territoriais do DF. Seus limites físicos são estabelecidos pelo Poder Público que definem a Jurisdição da ação governamental regionalizada para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos de natureza local. Essa ação é exercida por intermédio de cada Administração Regional. (Lassance, 2002, p.75).

O artigo 32 da Constituição Federal de 1988 proíbe que o Distrito Federal possua prefeitos ou vereadores ou que seja dividido em municípios, sendo considerado uno. Contudo, o Distrito Federal é dividido em regiões administrativas.

As regiões administrativas foram popularmente denominadas apenas de "cidades-satélites". No Distrito Federal, nos documentos do governo, o uso do termo "satélite" para se referir às cidades situadas no Distrito Federal foi proibido pelo decreto nº 19.040, de 18 de fevereiro de 1998. A Figura 1 traz o mapa de Brasília com todas as 31 regiões administrativas.



Fig. 1. **Mapa das Regiões Adm. de Brasília.** Retirado de <http://riosabartolomeudf.blogspot.com.br/> > Acessado 10 out.14.

Cada região administrativa tem um número, e Sobradinho é considerada a RA-V, localizada a cerca de 22km de Brasília, Sobradinho está em uma serra. A zona rural é rica em belezas naturais e o cerrado é cercado por cachoeiras, morros e as típicas árvores torcidas desse bioma.

Como Brasília, Sobradinho também é uma cidade planejada. O plano da cidade (Figura 2) foi elaborado entre 1958 e 1959 pelo engenheiro Inácio de Lima Ferreira. A 5ª Região Administrativa foi fundada em 13 de maio de 1960. Em 2011, a população estimada da cidade pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) foi de 85 mil habitantes.

O nome da cidade tem duas versões distintas. A primeira é de um velho cruzeiro de madeira rústica, erguido antes de 1850, às margens de um ribeirão na fazenda Sobradinho Moji e no qual teriam sido construídas duas casinhas do pássaro João-De-Barro sobrepostas, como se fossem uma casa de dois andares, sobre o braço direito do mesmo. Tal fenômeno atraía a atenção dos viajantes, que passavam a tomar por referência aquele ponto geográfico, denominando-o “Cruzeiro do Sobradinho” ou “Sobradinho do Cruzeiro”.

A outra versão conta que pode ter existido nestas terras um pequeno sobrado que servia de referência para os contrabandistas de ouro que procuravam burlar a fiscalização real. Como a rainha de Portugal, Dona Maria, a louca, tomou conhecimento do fato, mandou construir próximo ao pequeno sobrado um posto fiscal para conter o trânsito ilegal de minério. Isto foi suficiente para circular entre os

garimpeiros, que procuravam alertar uns aos outros, com a seguinte advertência: “cuidado com o posto que a rainha implantou depois do sobradinho”⁵.

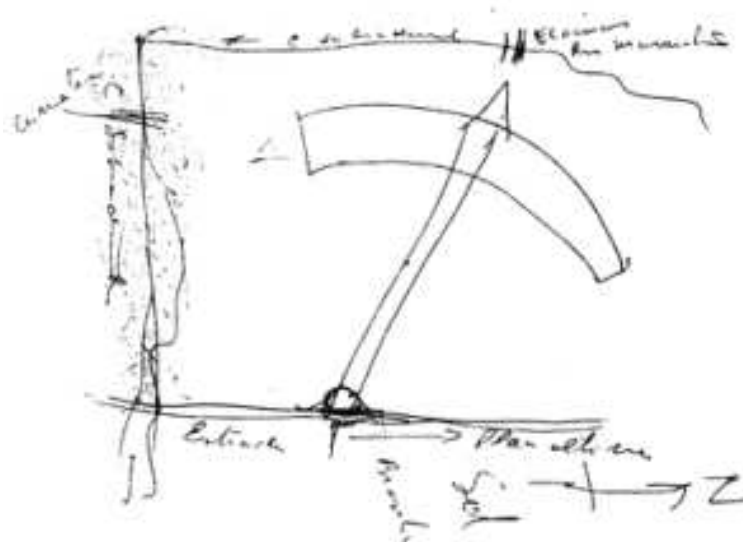


Fig. 2. Plano da RA de Sobradinho. Retirada de <

<http://jornalsobradinhohoje.wordpress.com/historia/>> em 10 out. 14.

Com o passar do tempo, o ribeirão local passou a se chamar “Córrego Sobradinho”, que resultou sendo referência geográfica. A mesma denominação receberam as fazendas das redondezas, como “Sobradinho-Moji” e “Sobradinho dos Mellos”. A partir de 1959, o loteamento da área onde está a Sede da RA-V, elaborado pela Novacap recebeu, também, o nome de Sobradinho na sua fundação oficial em 13 de maio de 1960.

⁵ História da Cidade de Sobradinho retirada do site do Jornal Sobradinho Hoje, com alterações. Edição online Disponível em <http://jornalsobradinhohoje.wordpress.com/historia/> Acessado em 07 out. 14.

CAPÍTULO 2- NOTAS SOBRE O PERCURSO DE PESQUISA

Por meio da análise do Currículo em Movimento (SEED, 2013, p. 100 a 107), observou-se que o ensino de História local é privilegiado no 4º ano do Ensino Fundamental. Assim, foi feito um levantamento desses livros didáticos utilizados pelas escolas públicas da Região Administrativa de Sobradinho, neste ano do Ensino Fundamental.

Do total das 26 escolas da RA de Sobradinho foram identificados 11 títulos distintos (Tabela 1) de História para o 4º ano do ensino fundamental e mais dois livros específicos de História regional (Tabela 2). Por meio de uma análise da frequência de utilização desses livros pelas escolas foram selecionados os seis livros mais frequentes no ensino de História em ordem decrescente de utilização pelas escolas. Esses livros são utilizados por 78% das escolas na RA de Sobradinho (Tabela 1). Os dois livros específicos de História regional são utilizados por 85% das escolas dessa RA, atendendo 22 escolas. (Tabela 2).

Tabela 1. Títulos dos livros de ensino de história utilizados nas escolas da Região Administrativa de Sobradinho.

Título	Escolas	Nº de escolas
Ápis	EC 01; EC 11; EC 16; EC Basevi; EC Sonhém de Cima.	05 (19%)*
De Olho no Futuro	CEF 01; CEF Queima Lençol; EC Lobeiral; EC Olhos D'água.	04 (15%)
Eu Gosto	CAIC; EC 15; EC Engenho Velho.	03 (12%)
Projeto Buriti	CEF Carlos M.; EC 10; EC 13.	03 (12%)
A Escola é Nossa	EC 05; EC Córrego do Arrozal; EC Morro do Sansão.	03 (12%)
Conhecer e Crescer	EC 14; EC Boa Vista.	02 (8%)
Porta Aberta	EC 12; Ec Brochado da Rocha.	02 (8%)
A Aventura do Saber	CEF 04	01 (4%)
Asas para Voar	EC 04	01 (4%)
Plural	EC 17	01 (4%)
Prosa	EC Rua do Mato.	01 (4%)
Fonte: tabela criada pela autora.		Total=26 (100%)

Obs: * Números entre parênteses indicam a porcentagem de escolas que utilizam o livro em relação ao total de escolas na RA de Sobradinho.

Assim, foram escolhidos os seguintes livros, por ordem decrescente de maior frequência:

- i) Ápis;
- ii) De Olho no Futuro;
- iii) Eu Gosto;
- iv) Projeto Buriti;
- v) A escola e nossa e por fim,
- vi) Conhecer e Crescer.

Tabela 2. Títulos dos livros de ensino de História local utilizados nas escolas da Região Administrativa de Sobradinho

Título	Escolas	Nº Escolas
DF: Hist. e Sociedade.	CEF Carlos M.; EC 05; EC 11; EC12; EC Basevi; EC Boa Vista; EC Córrego do Arrozal; CEF 01; CAIC; CEF 04.	10 (39%)*
História do DF.	EC 01; EC 10; EC 13; EC 15; EC 16; EC 17; EC Brochado da Rocha; EC Engenho Velho; EC Lobeiral; EC Morro do Sansão; EC Olhos D'água; EC Sonhém de Cima.	12 (46%)
Fonte: tabela criada pela autora.		Total= 22 (85%)

Obs: * Números entre parênteses indicam a porcentagem de escolas que utilizam o livro em relação ao total de escolas na RA de Sobradinho.

O método utilizado para analisar esses livros foi o da análise de conteúdos (Campos, 2004), tendo como base os princípios norteadores do PNLD que constam no último edital 2010 e no qual foram selecionadas obras para os anos de 2013/2014/2015, que ainda estão em vigência.

A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar conteúdos de toda classe de documentos e textos. Essa análise conduz descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas e ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma

abordagem metodológica com características e possibilidades próprias. (MORAES, 1999, P.8).

A análise de conteúdo dos livros consiste em observar se e como o Distrito Federal e Sobradinho aparecem de forma geral nos livros didáticos estudados. Para isso foi observado quantas vezes a palavra “Sobradinho” aparece em cada livro e quanto espaço essa RA obteve em cada livro.

As informações a serem analisadas foram retiradas do edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional Do Livro Didático - PNLD 2010. Tais critérios são específicos para área de História e constam entre as páginas 31-41 do mesmo. Foram escolhidos quesitos pontuais, referentes ao conteúdo pedagógico e questões sociais. Atividades gráficas, qualidade do papel, estrutura editorial e afins não foram avaliados.

Os principais atributos de um livro de História, para que ele seja aceito pelo MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Básica – SEB e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, para a publicação e distribuição em todas as escolas públicas são:

1. “É imprescindível que, além de explicitados, os objetivos da obra sejam compatíveis e coerentes com os objetivos gerais do ensino fundamental e do ensino de história;
2. Deve contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades do pensamento crítico e autônomo (como a compreensão, a memorização, a análise, a síntese, a formulação de hipóteses adequadas ao aprendizado de diferentes objetos de conhecimento);
3. As atividades devem estar integradas com o conteúdo e devem incentivar e estimular a observação, a investigação, a análise, a síntese, a criatividade, a comparação, a interpretação e a avaliação;
4. Não veicular, nos textos e nas ilustrações, preconceitos que levem a discriminações de qualquer tipo (origem social e/ou local, etnia, gênero, religião, idade ou quaisquer outras formas de discriminação);
5. Despertar para a historicidade das experiências sociais, trabalhando conceitos, habilidades e atitudes, na construção da cidadania;

6. Estimular o convívio social e o reconhecimento da diferença, abordando a diversidade da experiência humana e a pluralidade social, com respeito e interesse”. (Edital PNLD. 2010, p 40).

Quanto aos livros didáticos regionais o edital também oferece um direcionamento e diz que os livros são assim chamados por que registram as experiências de grupos que se identificam por fronteiras espaciais e socioculturais, seja na dimensão de uma cidade, um estado ou uma região do Brasil e que são usados no ensino de história. A produção desses deve respeitar os mesmos critérios acima listados, e não pode em nenhuma hipótese cometer nos seguintes erros:

- I. “Deixar de explicitar os conceitos de local e/ou região empregado na obra;
- II. Interpretar a realidade regional de forma estereotipada, classificando identidades locais como superiores ou inferiores, veiculando regionalismos xenófobos, estimulando o conflito entre formações sociais que tiveram trajetórias marcadamente diferenciadas;
- III. Abordar a experiência regional isoladamente, sem levar em conta as suas inter-relações com processos históricos em macro-escala, na longa duração, ocorridos para além das fronteiras regionais;
- IV. Abordar a experiência local, apenas, como repetição abreviada de processos históricos em macro-escala, ocorridos para além das fronteiras regionais;
- V. Abordar a experiência local, apenas, em seus traços pitorescos e anedóticos, assemelhando o livro didático a um roteiro para a visita turística”. (Edital PNLD. 2010, p 40).

2.1 ESCOLHA DAS ESCOLAS PARA ENTREVISTAS

Uma vez identificado os livros mais abrangentes foram selecionadas uma escola representando cada título:

Tabela 3. Nomes das Escolas Classe, professoras e relação de livros utilizados.

Escolas*	Professoras	Tempo de docência	Livro Principal + Livro Complementar
EC1	P1	3 anos	Ápis +História do Distrito Federal
EC1	P2	2 anos	Ápis +História do Distrito Federal
EC2	P3	20 anos	Ápis + Distrito Federal: História e Sociedade
EC2	P4	1 ano	Ápis + Distrito Federal: História e Sociedade
EC3	P5	25 anos	Eu Gosto +História do Distrito Federal
EC3	P6	20 anos	Eu Gosto+História do Distrito Federal
EC4	P7	14 anos	Projeto Buriti +História do Distrito Federal
EC4	P8	6 anos	Projeto Buriti+História do Distrito Federal
EC5	P9	20 anos	De Olho no Futuro +História do Distrito Federal
EC6	P10	12 anos	A Escola é Nossa + Distrito Federal: História e Sociedade
EC6	P11	3 meses	A Escola é Nossa + Distrito Federal: História e Sociedade
EC7	P12	15 anos	Conhecer e Crescer - não tem livro complementar ⁶
EC7	P13	20 anos	Conhecer e Crescer - não tem livro complementar

Fonte: Tabela criada pela autora

Obs: *Nomes fictícios.

⁶ Segundo informações da Coordenação Regional de livros didáticos de Sobradinho.

Foram entrevistadas duas professoras de cada escola de 4º ano visitada para saber como cada uma utiliza o livro observado. O objetivo é descobrir como as professoras trabalham a História Regional e Local e se acreditam ser necessário acrescentar ao conteúdo materiais complementares externos ao livro. Optou-se apenas por escolas públicas.

Optou-se pelo método qualitativo para as entrevistas com as professoras das Escolas Classe da rede pública da Região Administrativa de Sobradinho/DF. A intenção da pesquisa qualitativa deve ser a de tentar entender minuciosamente o fenômeno observado. É fundamental que o pesquisador se aproprie de detalhes, para melhor compreender a experiência que foi dividida com o sujeito (Minayo, 2010).

Todas as entrevistadas assinaram o do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, cujo modelo está no anexo A. As entrevistas foram realizadas entre os dias 08 e 23 de outubro de 2014 e contou com a autorização da GEB de Sobradinho.

A entrevista buscou identificar com qual livro cada professora prefere trabalhar a História Local e se os livros contemplam a história dessa RA. Também se buscou saber como e com quais materiais de apoio o professor trabalha a História local e se é necessário esse apoio externo.

Fez-se uma análise comparativa dos quesitos obrigatórios para avaliação dos livros de História Geral e depois dos quesitos específicos para a avaliação dos livros de História Local comparando um livro ao outro procurando semelhanças e diferenças.

Para isso, usando ainda como base o edital de 2010 do PNLD e os mesmos requisitos textuais sugeridos (tabela 4), foram atribuídos três conceitos possíveis (NA, AP e AT) correspondendo respectivamente a: i) não atende aos requisitos pedidos pelo edital, ii) atende parcialmente e iii) atende totalmente aos quesitos recomendados pelo edital do PNLD de 2010.

Tabela 4. Quesitos obrigatórios para avaliação dos livros didáticos com base no edital do PNLD de 2010.

Quesitos obrigatórios para avaliação dos livros de História Geral	Quesitos específicos para a avaliação dos livros de História Local
1. Objetivo claro e compatível	1. Explica conceito de local/região
2. Contribui para as competências	2. Apresenta realidade estereotipada
3. Estimula para as competências	3. Vai além das fronteiras regionais
4. Não veicula a discriminação	4. Tem experiências abreviadas da história Local
5. Desperta a historicidade	5. Prende-se ao roteiro de visitação turística para apresentar a história local
6. Respeita a diversidade	

Pretende-se com a análise comparativa complementar o método de análise dos livros e as entrevistas, tentando obter o máximo de fidedignidade dos dados obtidos. Considerando que o processo de seleção das obras, os critérios mencionados já foram aplicados pressupõe-se que os limites e critérios já tenham sido atendidos. Todavia, verificar isto, também é um dos objetivos a serem atingidos.

CAPÍTULO 3- ANÁLISE E RESULTADOS

Antes de iniciar a discussão dos resultados é necessário esclarecer alguns pontos. Todas as escolas públicas, no início de cada triênio, devem apresentar duas opções na escolha das obras para cada ano e disciplina. Caso não seja possível a compra da primeira opção, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) envia à escola a segunda coleção escolhida.

No caso do livro de História, especificamente o 4º ano do ensino fundamental, além da escolha dos professores a escola ainda pode receber, caso peça, como material complementar um livro de História local. Nesse último triênio, que ainda está em vigência 2013/2014/2015, existiam dois títulos de História local para escolha das escolas e esse trabalho analisa, além dos livros de história Geral, mais frequentemente escolhidos pelas escolas de Sobradinho, os dois livros de História local disponíveis.

3.1. PRIMEIRO LIVRO: ÁPIS

Esse livro é utilizado por cinco das 26 escolas presentes em Sobradinho, o equivalente a 19% de todas as escolas dessa RA. O livro é dividido em 17 capítulos, glossário, referência bibliográfica e um apêndice, que tenta dar conta dos cem anos do Brasil.

Seus autores são José William Vasantini, doutor e livre-docente em Geografia pela Universidade de São Paulo, USP; professor e pesquisador no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP; especialista em Geografia Política/Geopolítica e Ensino de Geografia; Dora Martins – mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Licenciada em Geografia pela Universidade pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP); e Marlene Pécora – licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ex-dreтора do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

Têm-se dois geógrafos e um historiador na elaboração do material, considerando a necessidade de atualização dos conceitos. Há de se perceber, se o fato de não serem historiadores interfere no formato das reflexões. Nos anos 1980 e 1990, os cursos de licenciatura formaram uma geração de professores polivalentes,

com habilitação para ministrar aulas de história, geografia, educação moral e cívica; tendo como principal objetivo a descaracterização das ciências humanas como campo de saberes autônomos, tais cursos apresentavam-nas transfiguradas - as ciências humanas eram transmitidas como um mosaico de conhecimentos gerais e superficiais da realidade social. (Fonseca, Selva, 2003 p. 20).

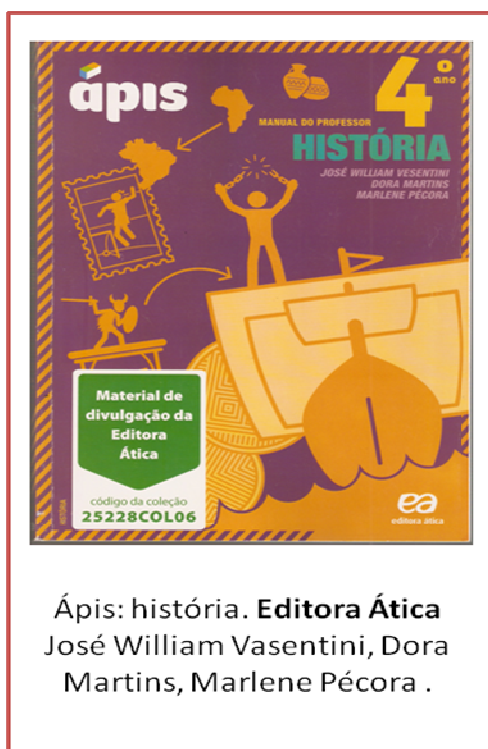


Figura 3. Livro Ápis - História 4º ano. Vasentini, José William; Martins Dora; Pécora, Marlene Editora Ática, 2ª edição, São Paulo , 2012.

Os capítulos perpassam desde a era do gelo e os primeiros seres humanos modernos a habitarem solos africanos até o Brasil contemporâneo, encerrando na posse da atual presidente Dilma Rousseff em 2010.

O livro é bastante rico em fotos e ilustrações em todos os conteúdos abordados. Mas não existe, nem mesmo no apêndice, qualquer traço da História de Brasília, ou Distrito Federal, consequentemente de Sobradinho.

O livro insiste no assunto trabalho, que é o seu tema principal. Todos os textos gravitam por esse assunto. A construção de cidadania, para esses autores, está relacionada ao trabalho ou da falta dele. Ou seja, a categoria trabalho, da vertente marxista se sobrepõe a todos os outros assuntos.

As informações apresentadas em textos e imagens acerca dos movimentos migratórios internos de retirantes do Nordeste, sem levar em consideração outras variáveis levam a entender que esse movimento relaciona-se automaticamente e somente à seca e à miséria.

Os textos nos primeiros capítulos são verdadeiros lembretes. Começam a virar parágrafos a partir do terceiro capítulo e o aluno lê um texto completo somente no quarto capítulo. As palavras, consideradas novas são grafadas com uma cor diferente e logo no rodapé da página existe um referencial com o seu significado. Levando em consideração que os alunos e professores baseiam-se apenas por esse recurso pedagógico estarão limitados no perímetro de compreensão e análise apenas. Ou seja, entre produzir significado ao conteúdo e princípios de organização ao que foi aprendido.

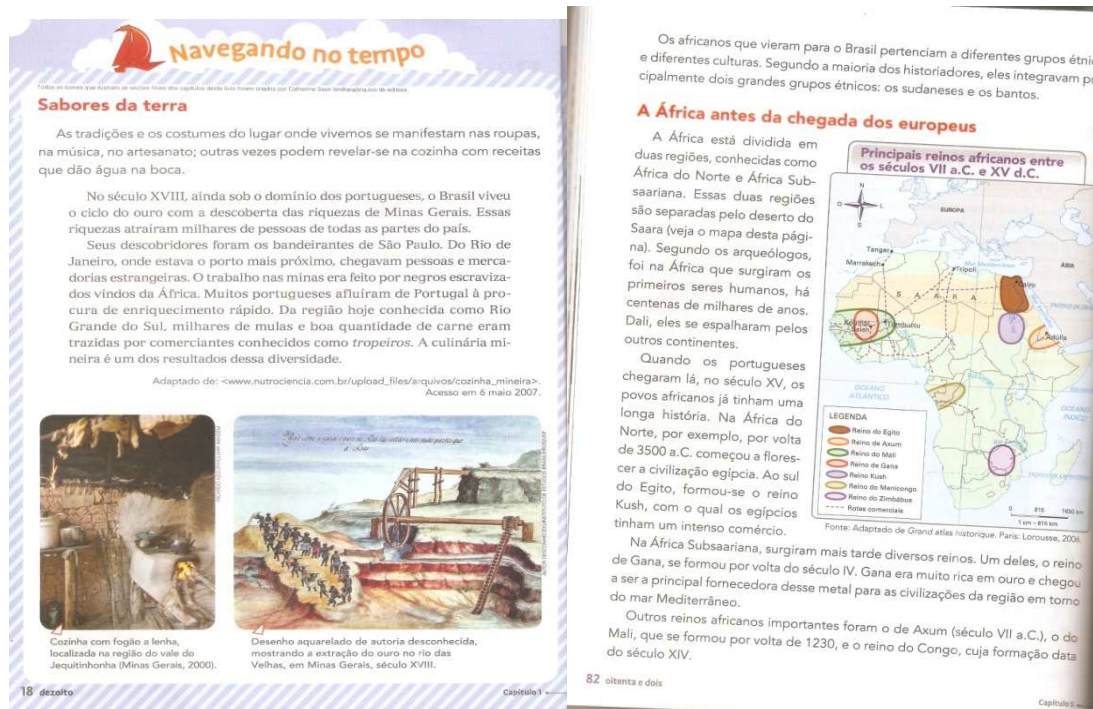


Fig. 4. Comparação de textos páginas 18 e 82 do livro “Ápis”.

O convívio social é estimulado pelas atividades, que são sugeridas sempre em grupo e/ou discussão aberta. Na página 121, por exemplo, existe a reprodução de uma pintura de Norman Rockwell de 1961, chamada Regra de Ouro: “Faça aos

outros o que gostaria que fizessem a você”. Essa pintura é a introdução de uma atividade exploratória sobre direitos humanos.

Esse capítulo tem o objetivo de retomar alguns temas abordados no livro, como escravidão, a posse da terra e o trabalho infantil, analisando-os à luz dos direitos humanos e tentando promover uma ampliação dessas reflexões. O texto sugerido para leitura complementar é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Apesar de constar nos registros oficiais que a EC1 optou pelo uso do livro “Ápis”, as professoras P1 e P2 do 4º ano optaram pela não utilização desse livro. A professora P1 explica o motivo: “esse livro tem conteúdo de História para 5º ano e ele não tem nada a ver com o currículo”.

O Currículo em Movimento do Distrito Federal para o 4º ano tem como orientação que as obras a serem utilizadas para esse ciclo atendam os seguintes objetivos: identificar, compreender, conhecer, analisar, reconhecer, perceber, localizar todos os aspectos sociais econômicos, políticos e físicos do DF e sua população.

O Currículo ainda sugere que o conteúdo deve ser integrador e contextualizado, porém as professoras entrevistadas parecem sinalizar que não conseguem colocar isso em prática com o livro adotado, todavia delegam ao livro didático esta limitação.

A professora P2 da EC1 ainda completa, “pior, que não foi nem a gente quem escolheu, chegamos aqui esse ano e eles já estavam trabalhando com esse livro. E ele não contempla e não condiz de forma alguma com o currículo”.

A discordância entre conteúdo presente no livro didático e o conteúdo obrigatório para o 4º ano é a principal reclamação entre as professoras. Dentre as 13 professoras entrevistadas todas reclamaram exatamente do mesmo problema.

A professora P2 da EC2, que também trabalha com o livro Ápis diz não ter participado da escolha do mesmo, acredita que esse livro não foi uma boa escolha. Diz, ainda, nunca ter trabalhado com esse livro por que ele fala de município e de bairro. “O Ápis é confuso por que não tem uma sequência lógica cronológica, não é bom para trabalhar, além de não ter nada a ver com a história do DF”.

“Os livros didáticos, difundidos amplamente e enraizados nas práticas escolares, passaram a ser questionados em relação aos conteúdos e exercícios propostos. A simplificação dos textos, os conteúdos carregados de ideologias, os testes ou exercícios sem exigência de nenhum raciocínio são apontados como comprometedores de qualquer avanço que se faça no campo curricular formal. Dessa forma, o ensino de História atualmente está em processo de mudanças substantivas em seu conteúdo e método”. (PCN, 1997, p.24).

3.2. SEGUNDO LIVRO - DE OLHO NO FUTURO

Esse livro é o segundo mais utilizado nas escolas de Sobradinho, tendo 15% de frequência da sua preferência. O livro tem 112 páginas dividido em quatro capítulos: 1: O campo; 2: A cidade; 3 A formação de cidades no território brasileiro; 4: As capitais brasileiras.

As autoras são Thatiane Tomal Pinela Bruzaroschi graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), professora do Ensino Fundamental e Liz Andréia Giaretta Pós-graduada em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-SP).

Novamente, não há a presença de historiadores na elaboração do material didático. Percebe-se o geógrafo em um campo que exige uma formação mais coerente e adequada para o material didático.

Os capítulos transcorrem desde os povos indígenas do Brasil, os primeiros habitantes dessa terra e vão até a contemporaneidade com a luta e a consolidação da democracia.

Os conteúdos organizados das questões mais próximas para as mais abrangentes, como por exemplo, brincadeiras, história de vida, escola, família e bairro, caminhando para temas como trabalho, história das cidades do Brasil e formação do povo brasileiro.



Figura 5. DE OLHO NO FUTURO - História 4º ano. Bruzaroschi, Thatiane Tormal Pinela; Giaretta, Liz Andréia. São Paulo, Quinteto Editorial, 2011.

O livro do 4º ano trata da vida no campo e na cidade. No Brasil através dos tempos, a formação das cidades no território brasileiro e de cada uma das capitais do Brasil, de forma bastante rápida, ao longo de sua história.

O livro é bastante rico em imagens, gravuras e mapas. As autoras privilegiam a História do Brasil tentam encerrar cada capítulo “com algo mais”. No último capítulo “o algo mais” que elas deixam são a luta por mudança na educação e a indicação de Organizações Não Governamentais. Ambas para mobilização popular, bem estar social de idosos e crianças carentes e contra a corrupção.

Os textos são de tamanho médio, tem entre cinco e sete parágrafos, de linguagem fácil, não necessitando a busca de palavras no glossário ou vocabulário. Rico em gravuras simples e totalmente sinalizadas para serem respondidas nas atividades que serão pedidas na página seguinte. Se o professor se ativer, somente a esse livro, o aluno ficará preso aos níveis aprendizagem, memorização e compreensão que é simplesmente lembrar um significado ou interpretar um texto.

A professora P9 da EC5, da Zona Rural de Sobradinho, não estava na escola quando o livro foi escolhido e prefere utilizá-lo apenas como suporte. “Ele não é um bom livro, por que nem segue o Currículo em Movimento”.

Ela ainda comenta que o livro ainda é muito distante da realidade vivida pelos seus alunos. “Além de o livro não conseguir trabalhar o local onde pertencemos, também é muito longe da realidade de muitos aqui. Ele não trabalha o lugar onde eles vivem para depois partir para mais longe, o global. Fala de um mundo que muitos aqui ainda nem tiveram oportunidade de conhecer”.

“Considera-se, então, que o ensino de História envolve relações e compromissos com o conhecimento histórico, de caráter científico, com reflexões que se processam no nível pedagógico e com a construção de uma identidade social pelo estudante, relacionada às complexidades inerentes à realidade com que convive”. (PCN, 1997, p.27).

3.3. TERCEIRO LIVRO 3 -EU GOSTO

Esse é o terceiro livro mais frequente nas escolas de Sobradinho, tendo 12% da preferência das escolas. Dividido em quatro unidades os seus 13 capítulos vão desde o ‘descobrimento do Brasil’ até sua independência, apresenta também sumário, glossário, indicação de leituras complementares e referências bibliográficas.

Suas autoras Célia Passos cursou Pedagogia na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda–PE, com licenciatura em Educação Especial e Orientação Educacional e Zeneide Silva cursou Pedagogia na Universidade Católica de Pernambuco, com licenciatura em Supervisão Escolar, fez Pós-graduação em literatura infantil. Mais uma vez não há historiadores entre os autores do livro.



Figura 6: Livro EU GOSTO - História, 4º ano. Passos Célia; Silva Zeneide. São Paulo, Editora Ibep, 2011.

O livro é bastante rico em fotos e gravuras e seus textos tem linguagem acessível ao nível indicado. Seguindo apenas o livro didático, o aluno pode chegar ao nível de aprendizagem de síntese, ou seja, será capaz de juntar as partes com o objetivo de formar novas combinações. Abaixo, um exemplo do texto utilizado no livro didático, onde as autores falam de forma direta com aluno.

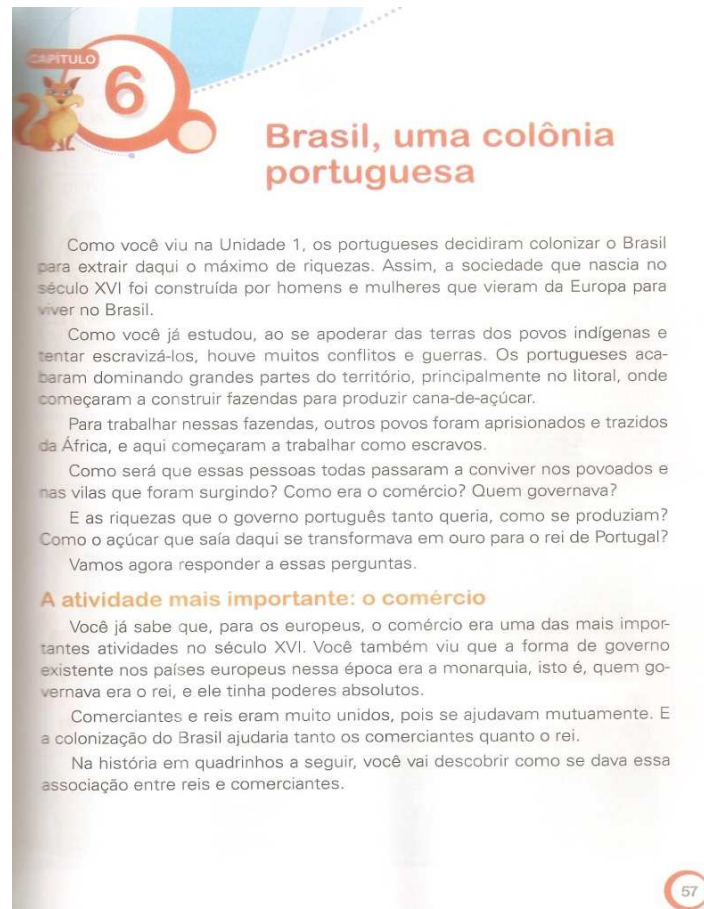


Fig.7. Exemplo de conteúdo abordado pelo livro didático Eu Gosto.

As atividades não se atêm unicamente ao texto. As autoras preferem sugerir atividades como análise de fotos, conversa com a turma e perguntar o que o aluno entendeu sobre o assunto estudado/ ou qual a opinião sobre o assunto. O nível de síntese pode ser alcançado, levando em conta que o aluno passou por todas as etapas anteriores e consegue, com as informações obtidas do conteúdo, estabelecer padrões.

“Mais importante do que abordar “conteúdos” de história é construir uma compreensão de tempo; em primeiro lugar, para desnaturalizar as convenções que são colocadas como naturais; em segundo, para que se pense a respeito do tempo esquadrinhado a que somos submetidos na escola e fora dela, principalmente para que, construindo conceitos sobre temporalidade, os/as alunos/as possam utiliza-los como ferramentas para intervir objetivamente nesse tempo histórico, sentindo-se parte desse tempo e dessa história”. (Schmitt, 2011, p. 1214).

As professoras da EC3, que tem esse livro como base, preferem não utilizar esse livro por que os conteúdos são gerais e voltados para temas do 5º ano, que

não atendem ao currículo vigente. A professora P5 ainda completa: “O livro adotado não é completo, por isso eu busco em vários outros. O livro não bate com o currículo vigente”.

A dificuldade em escolher livros didáticos de qualidade, se mostrou presente em todas as falas das professoras entrevistadas e a falta de entendimento nesse processo de escolha também. Apesar de o FNDE colocar a disposição o Guia de Livros Didáticos (GLD) todas as informações necessárias e os critérios necessários que todo livro deve conter, bem como tópicos sobre os livros aprovados, o professor ainda sente-se vítima da própria escolha.

A professora P3 da EC3 ainda conclui sua fala dizendo, “apesar de não estar na escola na época da escolha e de preferir não trabalhar com esse livro, ainda me pergunto a todo o momento por que esses títulos que não contemplam o currículo e não são apropriados para esse ciclo são escolhidos”.

A professora P4 tenta completar a fala da colega, “será que na hora de adotar esse livro o currículo não foi consultado para ver se ele contempla o conteúdo? Por que, querendo ou não a gente fica correndo como doida, buscando o conteúdo em todos os lugares e usando todos os recursos disponíveis que nós temos para ir atrás do conteúdo, por que infelizmente, o livro não tem. É claro que a gente não pode ficar o tempo todo presa ao livro, nós temos que buscar outras fontes também né... E eu fico me perguntando, por então mandam esses livros para gente? É só pra dizer que a escola usa algum livro?”.

O MEC orienta que o livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. A escola deve apresentar duas opções na escolha das obras para cada ano e disciplina. Caso não seja possível a compra da primeira opção, o FNDE envia à escola a segunda coleção escolhida. Portanto, a escolha da segunda opção deve ser tão criteriosa quanto a primeira.

3.4. QUARTO LIVRO - PROJETO BURITI

Também com 12% da preferência na frequência na escolha das escolas de Sobradinho esse livro tem 136 páginas divididas em 9 unidades onde se encontram: 1: Os povos indígenas do Brasil; 2: A aventura dos navegadores portugueses; 3: Os

povos que vieram da África; 4: O início da colonização portuguesa na América; 5: As primeiras vilas e cidades coloniais; 6: Ocupando o sul do país; 7: O vaqueiro e a cultura do boi; 8: O bandeirante e a busca por riquezas; 9: O tropeiro e os caminhos da colônia.

O livro Projeto Buriti é uma obra coletiva concebida, desenvolvida e organizada pela editora Moderna e sua editora chefe é Rosane Cristina Thahira, bacharel e licenciada em história pela Universidade de São Paulo.

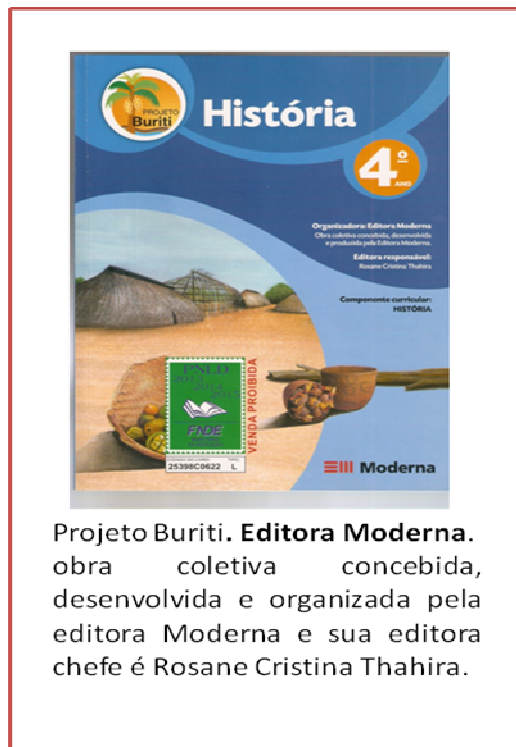



Figura 8. Projeto Buriti- História, 4º ano. Editora chefe: Thahira, Rosane Cristina. São Paulo, Editora Moderna, 2011.

O livro prefere seguir por uma linha da Nova História Política em ordem cronológica, Colônia, Império e República, dando atenção aos aspectos políticos, socioeconômicos e culturais.

Está organizado com conteúdos a partir da realidade mais próxima do aluno até a mais distante, além de ser ressaltado o trabalho com as noções básicas da compreensão de tempo histórico, o conhecimento e classificação de fontes históricas, leitura de imagens, leitura e produção de textos de diferentes gêneros.

Logo abaixo, existe um exemplo de uma atividade presente na página 21 do livro Projeto Buriti, a qual pede a análise de uma imagem.

2 A pintura a seguir representa portugueses em um navio se aproximando das terras que seriam chamadas de Brasil.



Descobrimento do Brasil, óleo sobre tela de Aurélio de Figueiredo, 1899.

a) Quem são as pessoas representadas e para onde estão apontando?
 b) Em que ano Aurélio de Figueiredo produziu a tela? O artista produziu a pintura no mesmo ano do acontecimento representado? Explique.
 c) Aurélio de Figueiredo presenciou o acontecimento representado? Crie hipóteses de como o artista reconstituiu essa cena.

3 Leia o texto e responda.

“Pedrinho embarcou. No dia da partida houve grandes festas. Pedrinho viu, do seu navio, quando o rei, Dom Manuel, se despediu do chefe da expedição, Pedro Álvares Cabral. E esperaram chegar o vento. E quando o vento chegou, as velas se **enfunaram** e os navios partiram.”

Ruth Rocha. *Faz muito tempo*. São Paulo: Salamandra, 2009. p. 11.

a) Quem você acha que era o rei Dom Manuel?
 b) Quem era o chefe da expedição que levava Pedrinho?

4 Escreva um texto continuando a história sobre a viagem de Pedrinho.

- Como era a vida nas caravelas? Quem estava viajando com Pedrinho?
- Aonde ele chegou? Como era esse lugar? Quem ele encontrou lá?

21

Fig.9. Exemplo de exercício do livro Projeto Buriti, pág.21.

Foi observado na análise que os textos são de tamanho médio e de linguagem fácil. As imagens e gravuras não são tão interessantes para a idade apropriada, mas estão de acordo com o texto. As atividades são voltadas a respostas obtidas no próprio texto, o nível de competência alcançado poderia ser o de compreensão, aquele que segue apenas instruções explícitas.

Ao se trabalhar com o livro, professor precisa ter cuidado em relação às ilustrações, que não reproduzem a diversidade étnica da população brasileira.

O Edital de 2010 do PNLD orienta que A obras devem favorecer o diálogo, o respeito e a convivência, possibilitando a alunos e professores o acesso a informações corretas e necessárias ao crescimento pessoal, intelectual e social dos atores envolvidos no processo educativo, atuando como propagador de conceitos e

informações necessários à cidadania e ao convívio democrático, como o respeito, a ética e o reconhecimento da diversidade. (PNLD, 2010, p. 28,29).

Dessa mesma forma o PCN norteia os professores, quanto ao assunto diversidade, citando que os mesmos devem valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (PCN, 1997, p. 33).

As professoras P7 e P8 da EC4 de Sobradinho estavam presentes quando da escolha do livro, apesar de reclamarem que ele não está de acordo com o currículo do quarto ano, dizem que o recurso é bom e conseguem trabalhar com ele. P8 fala, “O livro é suficientemente bom, apesar de ele estar fora do currículo nós conseguimos adaptá-lo e as crianças até levam dever de casa, às vezes”. Currículo em Movimento do Distrito Federal apresenta nas páginas 106 e 107 seus objetivos e conteúdos a serem abordados no 4º ano do ensino fundamental.

3.5. QUINTO LIVRO- A ESCOLA É NOSSA

O livro A Escola é Nossa também tem 12% entre os mais frequentes na preferência de escolha das escolas de Sobradinho. Contém 127 páginas e está dividido em nove capítulos: 1: Participando da história; 2: Os povos indígenas; 3: Portugueses em terras indígenas; 4: Da África para o Brasil; 5: Africanos no Brasil; 6 Do litoral para o interior; 7 A vida nas vilas e cidades mineiras; 8: Com destino à América; 9: Gente de diferentes lugares; O Tema é... A emigração de brasileiros.

A obra privilegia a História do Brasil em seus marcos políticos tradicionais, ainda que seja possível observar a presença de outros temas.



Figura 10. A Escola é Nossa História, 4º ano. Cavalcante, Maria Eugênia Bellusci; Tavares, Rosemeire. São Paulo, Scipione, 2010.

As autoras são Rosemeire Aparecida Alves Tavares licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e pós-graduada em Língua Portuguesa pela mesma instituição e Maria Eugênia Bellusci Cavalcante licenciada e bacharel em História pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (PR) e licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente (SP).


Os textos são curtos, de linguagem apropriada para o ciclo, rico em gravuras e mapas. O professor não pode se acomodar e usar apenas o livro como recurso pedagógico, pois ele é limitado e levará o aluno apenas ao nível de análise (substituir um grande texto por partes menores). As atividades são limitadas e sempre recorrem ao texto para obter a resposta que está explícita e pronta para ser apenas copiada, nunca pensada a fundo e pedindo para ser discutida. Esse tipo de atividade pode levar ao máximo ao nível de compreensão, aquele que segue apenas instruções explícitas.

A imagem abaixo representa o tipo de exercício utilizado no livro, o qual pede para analisar a imagem, porém as informações desejadas já estão todas escritas nela mesmas, não exigindo o mínimo esforço intelectual do aluno.

ATIVIDADES

Minha história, nossa história

1. Converse com seus pais ou um outro familiar e procure saber um fato que tenha ocorrido no ano em que você nasceu. Pode ser algo que tenha acontecido no município ou estado onde você mora, no Brasil ou em algum outro país. Entre as informações que você pode pesquisar sobre esse acontecimento, estão: fato; quando e onde ocorreu; motivos por que ocorreu; pessoas ou grupos que participaram; consequências. Depois, anote no caderno o que você conseguiu descobrir.
2. A cédula abaixo circulou no Brasil a partir do ano de 1966. Ela é considerada uma fonte histórica e por meio de sua análise podemos descobrir informações importantes sobre a época em que ela começou a circular. Observe-a.



Agora, identifique e escreva no caderno os seguintes elementos que aparecem nessa fonte histórica:

- A nome do nosso país naquela época;
- B nome da moeda, ou seja, o nome do dinheiro do país;
- C nome da instituição que emitia a cédula;
- D nome da pessoa homenageada.

3. Você já tinha ouvido falar do brasileiro que foi homenageado nessa cédula? Anote no caderno o que você sabe a respeito dele.
4. Compare a cédula acima com uma atual. Escreva no caderno quais dos elementos a seguir mudaram e quais permaneceram semelhantes de uma época para outra.
 - A nome do nosso país;
 - B nome da moeda;
 - C nome da instituição que emitia a cédula.

12

Fig. 11. Exemplo de exercício do livro A escola é nossa.

As professoras P10 e P11 da EC6 admitem não ter estado presentes quando da escolha dos títulos e mostram-se bastante descontentes com a escolha dele, pois não contempla a história do DF, e encontra-se em desalinho com o Currículo em Movimento.

P11 defende uma mudança radical no modo da escolha dos livros e de como eles devem ser elaborados. “Eu acho que os professores deveriam ser ouvidos antes da elaboração do material didático”.

A professora P10 completa a colega dizendo, “O problema, é que você não pode opinar em termos de conteúdo. O livro já vem pronto. Você tem que escolher o ‘menos pior’. O livro já está pronto e editado e você não tem direito de pedir diretamente para editora o que você quer ver no livro de história, por que ele já está pronto. Não perguntaram ao professor que conteúdo ele acha relevante para o DF, por exemplo...Mesmo naquele livro que é o ‘menos pior’, que você achou que é o que mais te contempla os conteúdos que vai trabalhar, você usa uns 3 itens, avança

umas 10 paginas, no máximo. É muito pouco para um livro inteiro, tem capítulo que nem é aberto. Isso para mim, é jogar dinheiro no lixo”.

A falta de conhecimento do professor em analisar e selecionar os livros didáticos causa preocupação. E fazer essa escolha “as cegas” como tem acontecido, é inconcebível. É incoerente que se realize uma seleção de livros didáticos, sem que os professores possuam o mínimo de embasamento teórico sobre os critérios.

Segundo Alvarez (1991), a escolha livro é uma das poucas autonomias que o professor ainda possui no exercício de sua profissão. Porém, as condições precárias de trabalho do professor, o número demasiado de coleções a serem analisadas, somadas às possíveis lacunas na orientação em sua formação, a escolha do livro didático, terminam por ser feita de maneira aleatória, caótica, em lugar de ser uma opção consciente.

3.6. SEXTO LIVRO – CONHECER E CRESCER

Com apenas 8% da preferência de escolha entre as escolas de Sobradinho, esse livro tem 112 páginas divididas em quatro capítulos: 1: O campo; 2: A cidade; 3 A formação de cidades no território brasileiro; 4: As capitais brasileiras.

Adriana Venâncio é professora licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (MG) e Mestre em Educação pela Unicamp (SP); Katsue Zenuê é professora licenciada em Ciências Sociais pela USP (SP), em História pelas Faculdades Associadas do Ipiranga (SP), e Mestre em Educação pela USP (SP) e Mônica Markunas também é professora licenciada em História e Pedagogia pela USP (SP) e Mestre em Educação pela Unicamp (SP).

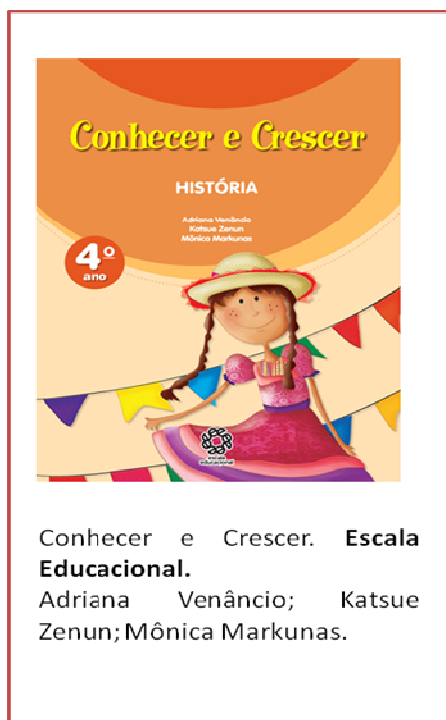


Figura 12. Conhecer e Crescer – História, 4º ano. Venâncio, Adriana; Katsue, Zenun; Markunas, Mônica. São Paulo, Escala Educacional, 2011.

Os conteúdos são organizados a partir de questões mais próximas à vivência das crianças, como por exemplo, brincadeiras, história de vida, escola, família e bairro, caminhando para temas mais amplos, como trabalho, história das cidades do Brasil e formação do povo brasileiro.

O livro aborda a vida no campo e na cidade, no Brasil através dos tempos, a formação das cidades no território brasileiro e de cada uma das capitais, do Brasil, rapidamente, ao longo de sua história.

O livro incentiva a pesquisa em outras fontes documentais, matérias jornalísticas, orais e iconográficas. É incentivado que aluno e professor extrapolem o livro didático a fim de seguir outras fontes de pesquisa. O livro pede a todo o momento que o professor escute o que o aluno tem a dizer, por exemplo: qual a opinião do aluno sobre determinado tema estudado. Apesar das autoras sempre sugerirem outras fontes de pesquisa, o aluno pode ficar preso ao censo comum pela comodidade de sempre dar a sua opinião sobre determinado tema.

Das duas professoras entrevistadas na EC7 de Sobradinho somente uma diz ter usado somente o primeiro capítulo e a segunda professora comenta nunca ter

utilizado o livro, por que ele não contempla o currículo do quarto ano e, indignada, faz um desabafo.

“Eu acho que antes de você fazer um livro você deveria estudar o currículo daquele ciclo e também fazer uma pesquisa com os professores para saber o que eles querem e precisam de verdade em sala de aula...Se eu tivesse que escolher um livro, particularmente não escolheria nenhum desses livros”, desabafa a professora P13 da EC7.

Já sua colega P12 tentou trabalhar com o livro citado. “Não conseguimos avançar com esse livro, por que o conteúdo dele é para o 5º ano e não para o 4º, como indicado”.

O Guia de Livros Didáticos PNLD 2010 – História foi elaborado com o objetivo de o auxiliar na escolha da coleção que será utilizada nas aulas de História nos próximos três anos. Você encontrará resenhas das obras didáticas aprovadas no processo de avaliação realizado com base nos critérios estabelecidos no “Edital de Convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2010 – Ensino Fundamental” (Guia de livros didáticos: PNLD 2010: História, 2010, p. 07).

Os livros a serem escolhidos passaram por uma prévia avaliação para compor a listagem de livros ofertados no guia, ou seja, a própria aprovação do livro no edital já dá a ele um valor diante os demais que não receberam a mesma aprovação, tornando-o mais um objeto de consumo do mercado e não um método de auxílio pedagógico.

De acordo com Bittencourt, “o livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização” (BITTENCOURT, 2004, p. 71).

Em nenhum momento o Guia de livros didáticos aponta alguma falha que pode ser confrontada ao observar o currículo e a indicação de cada tema para cada etapa. O Guia aponta duas opções de escolha, a primeira de um livro de História do Brasil e a segunda de História Regional, que o professor deve escolher de acordo com as suas necessidades pedagógicas. Porém, ele parece preocupa-se mais com a forma do que com o conteúdo que será transmitido.

De acordo com o guia, as resenhas dos livros didáticos foram produzidas a partir de um determinado conjunto de critérios, como apresenta:

As resenhas estão estruturadas nos seguintes itens: Identificação da coleção – nome da obra; código no PNLD 2010; autoria, editora e capa; Visão Geral – expõe a organização curricular e as características que identificam e singularizam a obra; Descrição – fornece uma descrição da organização dos Livros do Aluno, aponta o número de páginas e descreve os conteúdos disponíveis em cada volume; Análise – apresenta a avaliação da obra segundo os critérios relacionados ao Manual do Professor, Metodologia da História, Metodologia do ensino-aprendizagem, Cidadania; História da África, dos afrodescendentes e dos indígenas; Projeto Gráfico; Em sala de aula – destaca as possibilidades e cuidados no uso da coleção nas aulas de História (Guia de livros didáticos: PNLD 2010: História, 2010, p. 07).

Nenhuma das professoras entrevistadas citou a consulta ao Guia de livro didático antes da escolha do livro, somente que a escolha é feita em uma plenária, com auxílio da Coordenadora de livros didáticos da biblioteca de Sobradinho e o livro mais votado é o escolhido.

Nesse sentido, os consumidores finais dos livros didáticos (professores e alunos) são espectadores passivos neste processo de escolha.

3.7. ANÁLISE DOS LIVROS REGIONAIS

Foram analisados dois livros de História regional que cobrem todas as 22 entre as 26 escolas presentes na RA de Sobradinho. Esses livros são utilizados como **material complementar** e as escolas podem pedir e tem direito a ele, independente de já terem escolhido outro livro de História Geral.

Para relembrar à atual proposta vigente dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os objetivos para esse ciclo da Educação Fundamental são especificamente esses:

- Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- Reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;

- Reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- Caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;
- Identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada;
- Estabelecer relações entre o presente e o passado;
- Identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções.
- Tem como eixo temático principal a História Local e o Cotidiano. O PCN ainda sugere conteúdos que estão articulados com a proposta, mesmo sendo temas transversais podem ser utilizados.

Voltando para o Currículo em Movimento do DF percebemos que o seu objetivo está em consonância com o PCN, além de compreender que nessa etapa é necessário trabalhar e conviver com temas como a sociedade, tempo e espaço, trabalho, diversidades socioculturais e religiosas, (gênero, sexualidade, religiosidade, geracionais e étnico-raciais), democracia, nação, paisagem, espaço geográfico e território, que permitem desenvolver o pensamento histórico e geográfico, ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para os livros regionais, utilizados como complemento, existiam dez opções de escolha no Guia de livro didático para a Região Centro-oeste, dois títulos eram direcionados para o Distrito Federal e esses dois livros didáticos serão analisados agora.

3.8. LIVRO REGIONAL -HISTÓRIA DO DISTRITO FEDERAL

Entre as duas possibilidades de escolhas de livro de História local, esse tem 46% da preferência das escolas de Sobradinho. O livro tem 128 páginas, e os conteúdos são distribuídos em duas unidades: a primeira tem seis capítulos, e a segunda, cinco. Os capítulos são estruturados a partir das seguintes seções, que não se repetem necessariamente na mesma ordem: Texto explicativo, Explorando o

tema, Documento histórico, Para saber mais, Atividade, Pesquisa, Resumo do Anacronildo, Atividade interdisciplinar, Glossário, Sugestões de leitura para o aluno e Referências bibliográficas.



Figura 13. História do Distrito Federal - História Regional- 4º ou 5 ano. Arrais, Cristiano Alencar; Oliveira, Eliézer Cardoso de. Volume único. São Paulo, 2012.

Cristiano Alencar Arrais possui doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e é professor adjunto na Universidade Federal de Goiás e Eliézer Cardoso de Oliveira é bacharel e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) também é Professor do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

O livro é dedicado ao 4º ou ao 5º ano do ensino fundamental, desenvolve os conteúdos a partir de um texto narrativo linear, pois inicia falando das lembranças de família, falando que memória também faz parte da História, tentando fazer uma ligação das memórias com o tempo Histórico passado, culminando na política e cidadania no DF. Ainda Destaca conteúdos específicos da experiência histórica DF tentando inserir a realidade do aluno no livro em aspectos e processos mais abrangentes.

No início da unidade 2, os autores fazem uma observação de que o Distrito Federal é dividido em Regiões Administrativas, erroneamente chamadas de cidades satélites. Na página seguinte, eles param de usar o termo correto e começam a usar sem parar até o fim do livro ‘cidades satélites’. Outro termo que eles insistem em usar é Plano Piloto ao invés de Brasília.

Brasília é muito mais que os seus pontos turísticos, mas para quem conhece as imagens utilizadas no livro didático, são preferencialmente de pontos turísticos conhecidos como o Congresso Nacional, Palácio do Planalto ou a Torre de TV. As histórias de poucas RA são muito resumidas e não aparecem as 31 regiões⁷. Sobradinho é citada na página 109, sem aprofundamento da história e sem imagens.

A professora P11 da EC6, que tem apenas três meses de docência reclama que além de todos os problemas, os livros ainda são trienais. “O ruim é que os livros não são atualizados na velocidade dos acontecimentos, se eles fossem anuais, ou existisse uma forma de colocar um adendo, ajudaria um pouco mais”.

As educadoras entrevistadas, que utilizam esse livro, mostraram insatisfação quanto ao conteúdo apresentado. A professora P1 da EC1 também notou algumas terminologias que são usadas erroneamente.

“As nomenclaturas estão erradas, eles usam plano piloto ao invés de Brasília Cidade satélite ao invés de Região Administrativa. Aqui nós insistimos que eles sejam letrados, mostrando os dois lados. Para trabalhar a história local, principalmente, Sobradinho. Trazemos textos impressos retirados da internet, reportagens, data show, vídeos, outros recursos diversos. Por mais que fosse um livro muito bom, mesmo assim não seria suficiente. Mas ele não é bom, nem pelo conteúdo nem pela organização”.

Outra professora que reclama da organização do livro é professora P9 da EC5 que tem 20 anos de docência e trabalha em escola rural.

“Além de ele ser confuso na organização ele fala de um mundo que muitos aqui ainda não tiveram oportunidade de conhecer. É muito distante da nossa realidade. Se for atrás do livro mesmo o

⁷ Na época da edição desse livro, 2011, a Fercal ainda não era considerada uma Região Administrativa.

conteúdo fica muito fraco, não dá, por que ele é muito fraco, não é bom, não mesmo!”.

Para tentar sanar o problema da falta de conteúdos que englobem a complexidade regional pedida pelo currículo as professoras optam por práticas pedagógicas que estão mais acessíveis como: trabalhar com o próprio material reutilizado do ano anterior, retirado de livros e da internet e pedindo pesquisas para os alunos. Algumas professoras também tem a predileção pela cultura popular e História Oral.

Professora há 20 e no da EC3 há um pouco mais de um ano, P6 conta que para trabalhar a história de Sobradinho, durante o ano não se prendeu somente aos livros, sites e cópias de matérias jornalísticas. Ela privilegiou os moradores mais antigos da RA, como o “Seu Teodoro do Bumba meu boi”. No carnaval, após trabalharem textos da história dessa festa, a escola de samba Bola Preta visitou a escola.

“Na semana da inclusão um menino que mora aqui em Sobradinho e que escreveu um livro sobre a história dele veio aqui na escola para dar uma palestra e falar com os meninos”, P6.

Percebeu-se pelas entrevistas que as professoras das escolas EC3; EC 4 e EC5 preferem a História Oral, por acreditarem na múltipla possibilidade de trabalho. A Professora P9 da EC5 usa os moradores mais antigos da comunidade rural, como fontes importantes na construção da percepção cidadã dos alunos. “A história oral está presente na minha sala”. Porém, além dos moradores mais antigos, sempre presentes na escola, ela acredita no potencial criativo das crianças em escrever a própria história e de recriar a História do local. “Eu penso que a gente pode criar o nosso próprio material, reconstruir a história, valorizando melhor a sua própria historia, vivenciando experiências, reconhecendo e respeitando diferenças entre pessoas do lugar onde você mora”, completa a professora P9.

A História (Oral), ao ser contada, múltipla, sem ajuste, desempenha o poder de instigar os alunos às perguntas, a se surpreenderem, a se espantarem, a desconfiarem da veracidade do que foi narrado e, assim a procurarem outros sinais

para, em seguida, compreender suas relações, buscar chaves de interpretação, buscar leituras outras para ajudá-los na construção de um nova escrita sempre híbrida entre a história e memória (SIMAN, 2008, s/p).

Outra professora que também trabalha com o mesmo livro, apesar de a biblioteca regional de Sobradinho afirmar que não há livro complementar selecionado para aquela escola é a EC7. A professora P12 diz gostar do livro.

“O livro é bom, bem completo, tem todos os conteúdos que eu preciso, com exceção das satélites”. Quando questionada como faz para trabalhar a história de Sobradinho ela disse não precisar de muito esforço também. “A gente pede para os alunos ‘trazer’ material de casa. Muitos trazem da internet. Às vezes não precisa nem de eu trazer, eles mesmo trazem”, diz P12.

Percebe-se que a professora P12 da EC7 assumiu o termo Cidades Satélites ao seu vocabulário que está bastante prejudicado, nota-se pelos erros de concordância verbal usados em sua fala, cujo trecho foi transcrito. A falta de planejamento para guiar a prática didática torna-se visível em sua fala, quando a mesma diz que não tem muito trabalho, por que os alunos é quem trazem o material de casa.

A prática do planejamento garante que atividade seja realizada com sucesso. Segundo Libâneo (2001, p 221), Planejamento Escolar “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Além da realização de pesquisa de campo, planejada em conjunto com a coordenadora e as outras professoras do mesmo ciclo, as professoras da escola EC1 também levam seus alunos a passeios turísticos guiados. E apesar de não aprovarem o livro de história consideram um grande avanço ter um título específico para história local. “Ter um livro só para o DF já é um bom passo, mas esse livro tem que ser bom o suficiente”, diz a professora P2.

Na docência há 12 anos, a professora P10 da EC6 sugere uma opção para os livros didáticos regionais. “Cada regional poderia receber uma pequena brochura, a

parte do livro, com a História de cada Região Administrativa, isso ajudaria, e muito o trabalho de quem tem que correr para todos os lados atrás da História da cidade”.

3.9. LIVRO REGIONAL - DISTRITO FEDERAL: HISTÓRIA E SOCIEDADE

O segundo livro escolhido tem 39% de frequência da preferência de escolha das escolas de Sobradinho. É dividido em quatro unidades que são subdivididas em 16 capítulos e 175 páginas que falam da História do DF, de tempo, espaço dinâmico, do cerrado e da cidade. Os textos são um pouco mais longos do que os outros livros costumam trazer, mas a linguagem é fácil e divertida. Todo o tema é bastante contextualizado e de fácil compreensão.

Miriam Bianca do Amaral Ribeiro é doutoranda em História pela UFG, professora da faculdade de educação da UFG e Diane Valdez é doutora em História pela Unicamp e professora da faculdade de educação da UFG.

As autoras deixam claro o conceito de história local e os logo nas primeiras páginas do livro objetivos. Porém, nominam as Regiões Administrativas de cidades satélites e chamam Brasília de Plano piloto.

É necessário explicar que Distrito Federal - É um território autônomo do Brasil- (como a União, os Estados e os Municípios) - onde se localiza Brasília, a Capital Federal; Brasília é a Capital Federal do Brasil sede do Governo da União e sede do Governo do Distrito Federal e Plano Piloto é uma área parcial de BRASÍLIA, caracterizada pelo esboço inicial que resultou no plano urbanístico da Nova Capital do Brasil, (Lassance, 2002, p.73).

O livro é bastante abrangente, porém se estende demais na História Nacional deixando apenas uma unidade para a História regional, isso faz com que as autoras não tenham tempo de trabalhar todas as Regiões Administrativas, o bioma, nem o povo com propriedade.

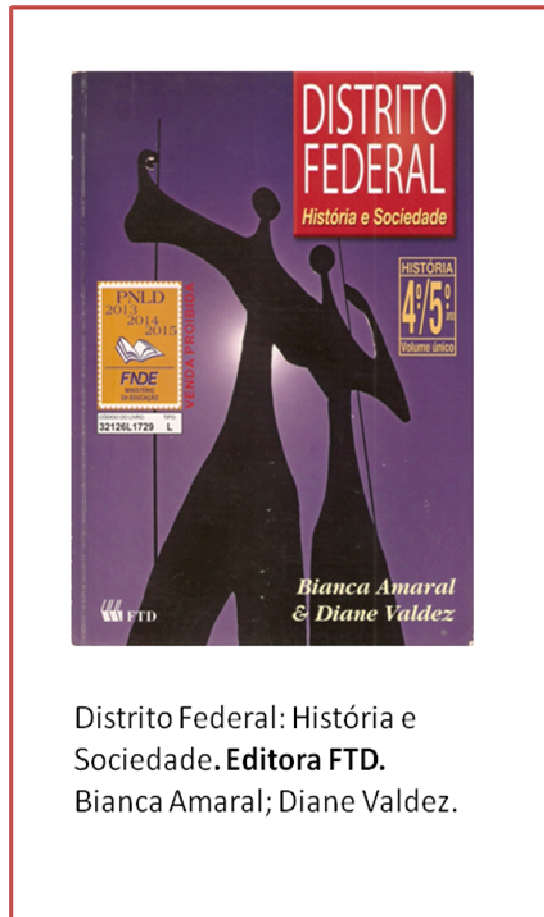


Figura 14. Distrito Federal: história e sociedade , 4º/5º ano: volume único. Ribeiro, Miriam Bianca do Amaral; Valdez, Diane. 1ª edição – São Paulo, FTD, 2011.

O capítulo de História local se apoia em traços de acontecimento pitorescos e manchetes de jornal, não tão recentes, para retratar Brasília de forma geral.

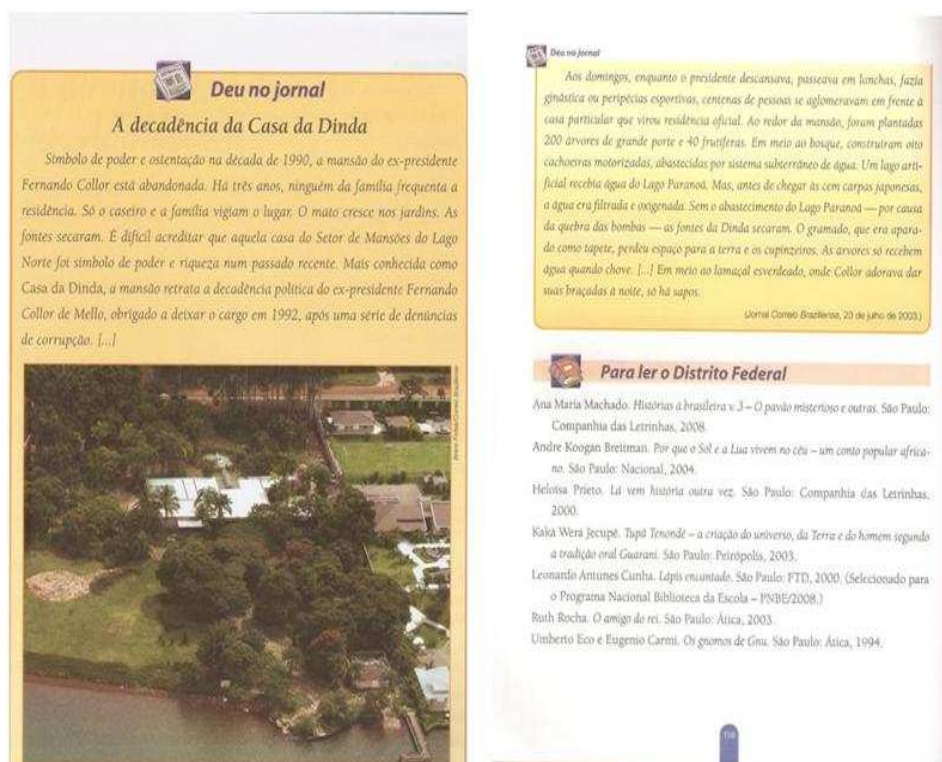


Figura 15. Exemplo de notícia de jornal utilizada pelo livro Distrito Federal: História e Sociedade, páginas 157 e 158.

As escolas dizem que encontram problemas quando é necessário aprofundar o conteúdo. A professora P10 da EC6 reclama que o livro não contempla do DF como um todo e deixa alguns assuntos importantes, que deveriam ser abordados, de fora. “O livro não fala, por exemplo, dos três poderes, não tem nada sobre os aspectos do DF, educação, saúde, lazer, cultura. A gente tem que correr atrás, por que, se ficar presa no livro o rendimento vai ser baixíssimo”.

Entre os objetivos do PCN está “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”, (PCN, 1997, p.5). Ainda, o mesmo documento traz a importância da pesquisa em outras fontes. “O trabalho do professor consiste em introduzir o aluno na leitura das diversas fontes de informação, para que adquira, pouco a pouco, autonomia intelectual. O percurso do trabalho escolar inicia, dentro dessa perspectiva, com a identificação das especificidades das linguagens dos documentos — textos escritos, desenhos, filmes —, das suas simbologias e das formas de construções dessas mensagens”. (PCN, 1997, p.39).

A mesma professora ainda argumenta que o conteúdo disposto no livro não é totalmente adequado ao ano de indicação. Existem assuntos abordados que são específicos para o 5º ano e mesmo assim estão dispostos no livro, como por exemplo, os tempos de repressão da Ditadura Militar.

A professora P3 da EC2, que tem 20 anos de docência argumenta “A sequência cronológica que o livro segue não é lógica, é quebrada, confusa e às vezes até inadequada para o 4º ano”.

O livro analisado segue a sequência de falar o que é o Distrito Federal, no primeiro capítulo, no capítulo seguinte as autoras falam de arqueologia; fósseis e pinturas rupestres; no seguinte é tratado sobre a mudança da Capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central e a unidade dois é separada toda para construção da cidade, sua população e meio ambiente.

Para o trabalho com a história local de Sobradinho as professoras preferem recorrer a recursos externos ao livro didático como visitas guiadas, pesquisas, vídeos debates, entre outros.

A professora P4 da EC2 tem um trabalho que privilegia a arte em geral. Atualmente estão trabalhando com maquetes de Sobradinho e a planificação dos monumentos. Já as professoras da EC4 gostam de trabalhar, por exemplo, com vídeos e músicas.

3.10. ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA GERAL

Tendo em vista todos seis critérios básicos do edital de 2010 do PNLD, pretende-se identificar e descrever se os conteúdos existentes nos livros utilizados nas escolas públicas do DF estão alinhados com ele e se atendem as necessidades dos professores em sala de aula de maneira eficiente, de acordo com os mesmos.

Nesse momento é importante lembrar que os dados analisados (tabela 4) receberam três conceitos possíveis (NA, AP, AT) correspondendo respectivamente a: i) não atende aos requisitos pedidos pelo edital, ii) atende parcialmente e iii) atende totalmente aos quesitos recomendados pelo edital do PNLD de 2010.

Tabela 6: Quesitos para livros de história, livros e conceitos correspondentes.

	Ápis	De Olho no Futuro	A Escola é Nossa	Eu Gosto	Projeto Buriti	Conhecer e Crescer	História do DF	DF: História e Sociedade
1-Objetivo claro e compatível	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
2 - Contribui para as competências	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
3 - Estimula para as competências	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
4 - Não veicula a discriminação	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT	AT
5 - Desperta a historicidade	NA	NA	NA	NA	NA	AP	NA	AP
6 - Respeita a diversidade	AP	NA	NA	NA	AP	NA	AP	AP

Os livros de História Local devem estar de acordo com todos os quesitos básicos e cumprir também os quesitos específicos, por isso constam nas duas tabelas (6 e 7). Abaixo os quesitos (1,2,5,e 6) que mais se destacaram na análise.

1. É imprescindível que, além de explicitados, os objetivos da obra sejam compatíveis e coerentes com os objetivos gerais do ensino fundamental e do ensino de história.

Todos receberam conceito AP (atendem parcialmente o quesito correspondente) por que todos apresentam seus objetivos explícitos, porém, segundo as professoras entrevistadas, não estão compatíveis com o currículo 4º ano. Os de história regional estão de acordo com o currículo, mas para encontrar o objetivo dentro do livro foi bastante trabalhoso. Abaixo são citados três exemplos, assim como descrito nos livros:

O Objetivo do livro **Ápis** é Fazer com o aluno conheça melhor o povo brasileiro, estudando o seu processo de formação, modos de vida, e frutos de trabalho;

O livro **De Olho no Futuro** tem como objetivo Conhecer o modo de vida de pessoas de diferentes lugares, no passado e no presente, e descobrir como a história dessas pessoas está relacionada à nossa vida. Vamos compreender o mundo em que vivemos e perceber que é no dia a dia que nós fazemos história;

O livro **Conhecer e Crescer** tem o objetivo de refletir sobre a história dos lugares onde vivemos, onde conhecemos pessoas, estudamos. Conhecer a experiência das pessoas que vivem e vieram nesses e em outros lugares, em diferentes tempos: como elas se organizaram e como foram mudando, como as relações entre elas se estabeleceram no passado e como se estabelecem hoje, ou seja, qual a dinâmica da vida nos lugares onde vivemos.

2. Deve contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades do pensamento crítico e autônomo (como a compreensão, a memorização, a análise, a síntese, a formulação de hipóteses adequadas ao aprendizado de diferentes objetos de conhecimento).

Quanto a esse quesito, todos os livros obtiveram o mesmo conceito AP, pois foi avaliado que as atividades devem estar integradas com o conteúdo e devem incentivar e estimular a observação, a investigação, a análise, a síntese, a criatividade, a comparação, a interpretação e a avaliação. Abaixo são apresentadas as análises de três dos oito livros:

No livro **“Eu Gosto”** as atividades não se atêm unicamente ao texto. As autoras preferem sugerir atividades como análise de fotos, conversa com a turma e perguntar o que o aluno entendeu sobre o assunto estudado/ ou qual a opinião sobre o assunto.

As atividades, no livro **“A Escola é Nossa”**, são limitadas e sempre recorrem ao texto para obter a resposta que está explícita e pronta para ser apenas copiada, nunca pensada a fundo e pedindo para ser discutida.

No **“Projeto Buriti”** as atividades são voltadas a respostas obtidas no próprio texto, não exigindo muito esforço intelectual do aluno.

5. Despertar para a historicidade das experiências sociais, trabalhando conceitos, habilidades e atitudes, na construção da cidadania;

Nesse item os livros obtiveram conceitos NA e AP, considerando a historicidade das experiências sociais, trabalhando conceitos, habilidades e atitudes, na construção da cidadania -, poucos livros se destacaram.

O livro “**De Olho no Futuro**” não faz uma ligação da história contada com a história vivida e as experiências sociais que os alunos vivem ou poderiam viver;

O “**Eu Gosto**” não consegue fazer uma conexão da história trabalhada no livro com a história da contemporaneidade. Fica uma história bastante distante do real;

No livro “**A Escola é Nossa**” na página 67 as autoras sugerem uma atividade de análise iconográfica de uma pintura, porém no mesmo exercício as perguntas são de alusão ao texto estudado e não a imagem vista;

O livro “**Conhecer e Crescer**” incentiva os alunos a fazerem pequenas pesquisas e ensina o passo a passo de como fazê-las, porém não explica a importância desses dados, ou dessa experiência para a vida dos aprendizes.

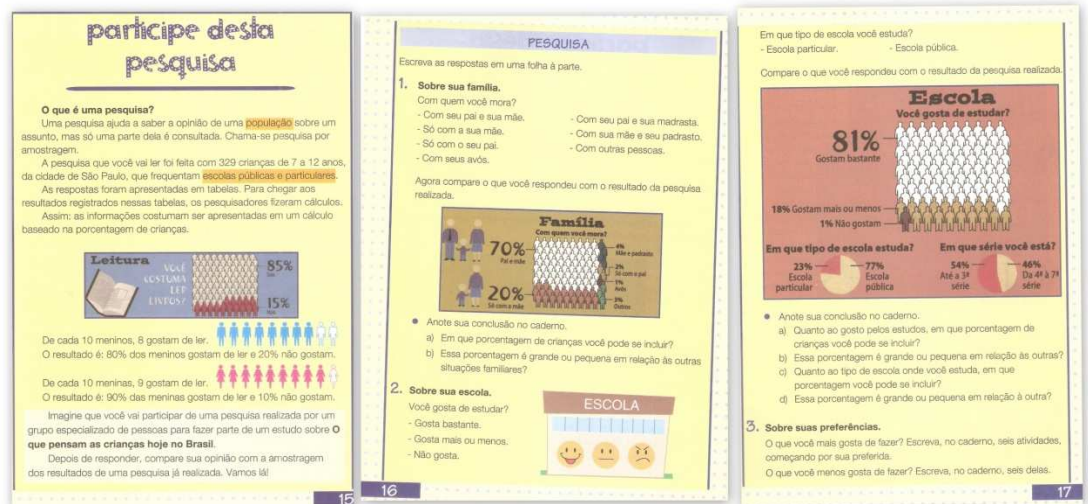


Figura 16. Exemplo de como o livro “Conhecer e Crescer” utiliza e explica a pesquisa.

6. Estimular o convívio social e o reconhecimento da diferença, abordando a diversidade da experiência humana e a pluralidade social, com respeito e interesse. (Edital PNLD 2010: História, 2010, p.).

Nesse tópico alguns livros se destacaram mais que outros, mas nenhum obteve conceito AT. Quatro livros obtiveram conceito AP e quatro NA. Pois, o edital pede:

“Os livros devem favorecer o diálogo, o respeito e a convivência, possibilitando a alunos e professores o acesso a informações corretas e necessárias ao crescimento pessoal, intelectual e social dos atores envolvidos no processo educativo, atuando como propagador de conceitos e informações necessários à cidadania e ao convívio democrático, como o respeito, a ética e o reconhecimento da diversidade”. (Edital PNLD 2010, p.29).

O Currículo em Movimento do Distrito Federal recomenda que a proposta de trabalho no Ensino Fundamental, seja trabalhado com as diferentes áreas do conhecimento. Isso requer ação didática e pedagógica sustentada em eixos transversais do Currículo da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF): Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Sustentabilidade. (SEEDF, 2013, p. 9).

Os livros não obtiveram o conceito máximo ou por que deixaram de citar as diferentes maneiras de formação familiar, ou citaram apenas a discriminação racial, deixando de lado outros tipos de discriminação como a intolerância religiosa, xenofobia ou homofobia.

O livro “**Distrito Federal: História e Sociedade**” tem atividades que privilegiam a pesquisa individual, e do livro trata temas como Direitos da Criança e do Adolescente, licença maternidades, entre outros temas sociais.

O livro “**História do Distrito Federal**” também trata, a partir do capítulo 11, de temas como os movimentos sociais a favor de causas específicas como o meio ambiente, o direito da criança e a participação política em Brasília.

O livro “**Ápis**”, na página 121, existe a reprodução de uma pintura de Norman Rockwell de 1961, chamada Regra de Ouro: “Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você”. A imagem faz parte de um exercício que dá sequência ao primeiro texto do capítulo sete, o qual trata de direitos humanos.

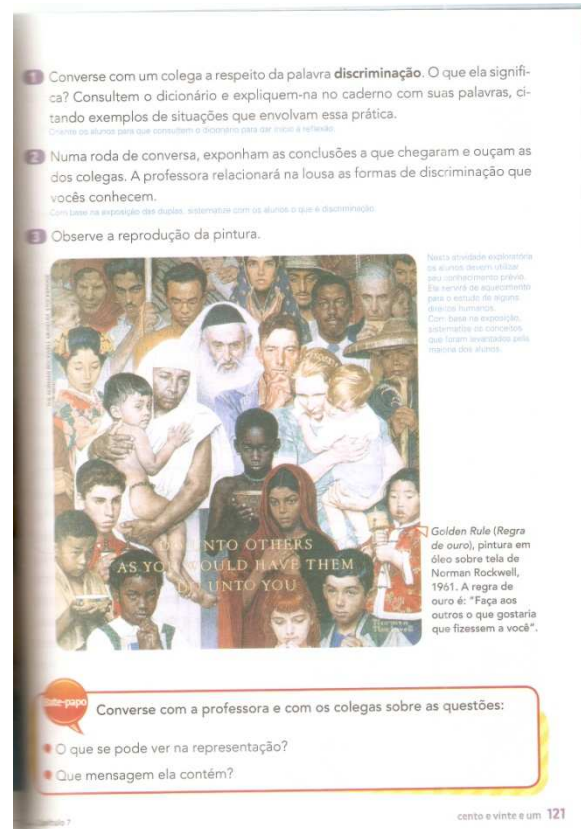


Figura 17. Imagem do livro “**Ápis**”, página 121, exercício que dá início ao capítulo sobre direitos humanos.

Na média geral, o que mais se destacou foi o livro DF: História e Sociedade por ter tido conceitos constantes em todos os quesitos desejáveis pelo edital do PNLD de 2010.

5.3. ANÁLISE COMPARATIVA DOS LIVROS DE HISTÓRIA LOCAL

Os livros de História Regional foram analisados separadamente, por que o Edital PNLD 2010 exige quesitos específicos para essa temática. Estes estão relacionados na Tabela 7.

Tabela 7: quesitos específicos para livros de história local, livros de história local e conceitos.

Quesito	História do Distrito Federal	DF: História e Sociedade
1-Explica conceito de local/região	NA	AT
2-Apresenta realidade estereotipada	AP	AP
3-Vai além das fronteiras regionais	AP	AT
4-Tem experiências abreviadas da história Local	AP	AP
5-Prende-se ao roteiro de visitaçaõ turística para apresentar a história local	AP	AP

Abaixo a discussão dos itens 1 e 3 que mais se destacaram na análise.

1. Explicitar os conceitos de local e/ou região empregado na obra.

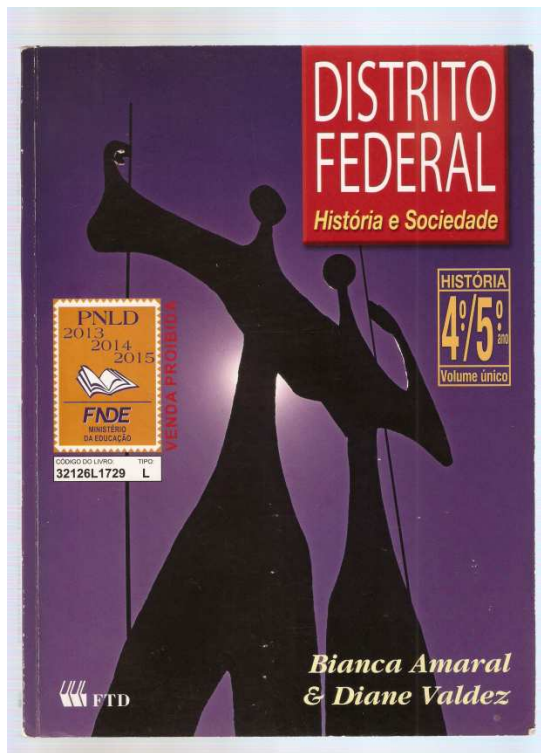
No quesito Explica o conceito de local e região o primeiro livro teve conceito NA (Não atende), por que não explica esses conceitos e o segundo logo no início do primeiro capítulo, deixando bem claro essas considerações.

Local é uma parte do espaço geográfico onde se vive e interage com uma paisagem, é, também, o primeiro espaço no qual o ser humano atua, sendo assim, o ensino da História Local precisa representar também essa proposta de proporcionar a reflexão constante acerca das ações dos que ali habitam como sujeitos históricos e cidadãos. Enquanto Região pode ser qualquer área geográfica que forme uma unidade distinta em virtude de determinadas características, um recorte temático do espaço.

“O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistira na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-cultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social”. (Neves, 2002, p. 89).

3. Abordar a experiência regional isoladamente, sem levar em conta as suas inter-relações com processos históricos em macro-escala, na longa duração, ocorridos para além das fronteiras regionais;

Foi considerado que nesse item o segundo livro obteve conceito superior, pois abrange a História Geral antes de entrar na História Local, partindo do geral para o local. Já o primeiro livro trata apenas da história local.



De mudança em mudança a História se trança: ainda há muita trança por trançar 9	Tecendo a História: Nós temos dinossauros..... 34
Atividades..... 13	Para saber mais: Daqui para frente eles terão nomes de índio..... 35
Tecendo a História: O verde e o amarelo da bandeira brasileira – velhos motivos da monarquia..... 14	Para ler o Distrito Federal..... 35
Deu no jornal: Amanhã, Brasília é fashion..... 15	Capítulo 3
Para saber mais: Touring recebe Casa Cor..... 16	Outras nações na capital da Nação 36
Música de trabalho: Ipê amarelo..... 17	Atividades..... 39
UNIDADE I	Deu no jornal: Pouco apelo a índios doentes..... 40
Entre as capitais, a capital	Música de trabalho: Menino índio..... 40
Capítulo 1	Tecendo a História: “Foi uma brincadeira...”..... 41
No Planalto Central, o Distrito Federal 19	Deu no jornal: Agressão a doméstica lembra morte do índio Galtino..... 42
Para saber o que é um Distrito Federal..... 19	Tecendo a História: A cultura indígena no Brasil: está por toda parte!..... 42
Atividades..... 23	Para saber mais: Cultura protegida..... 43
Deu no jornal: E Maria e Zacarias disseram sim..... 24	Passando pelo DF: Memorial dos Povos Indígenas..... 44
Para saber mais: Estatuto do Idoso..... 25	Para ler o Distrito Federal..... 45
Tecendo a História: Nosso céu tem mais estrelas. E a nossa bandeira?..... 26	Capítulo 4
Para ler o Distrito Federal..... 26	De capital para capital – as capitais do Brasil 47
Capítulo 2	De naus e caravelas prontas: rumo à baía da Guanabara!..... 48
Gente mais antiga do que a gente imagina 27	Sua majestade o Rio de Janeiro: a Corte do Império brasileiro..... 49
Atividades..... 32	A capital não faz tudo sozinha: gente de todo canto influencia nas decisões..... 50
Deu no jornal: Parque Nacional ameaçado..... 33	Atividades..... 51
	Tecendo a História: A infância do imperador D. Pedro II..... 51

Música de trabalho: Hot Dog Latino..... 54	Tecendo a História: Memorial JK – um lugar diferente..... 73
Deu no jornal: Você fez a notícia..... 55	Para ler o Distrito Federal..... 74
Para saber mais: Parem as máquinas!..... 55	
Para ler o Distrito Federal..... 56	
Unidade II	
A nova Capital: um longo caminho em construção	
Capítulo 5	
Do litoral para o cerrado: mudar de novo? 58	
Muitos planos: mas a Capital continuava sendo a Corte do Rio de Janeiro..... 61	
Atividades..... 62	
Tecendo a História: Falando de nomes e origens..... 63	
Música de trabalho: Araticum..... 64	
Para saber mais: Que deserto! Que desertos!..... 65	
Para ler o Distrito Federal..... 65	
Capítulo 6	
Eu vou para o Brasil Central, eu vou! 66	
Juscelino Kubitschek: “50 anos em 5”..... 67	
Atividades..... 70	
Trabalhando com documentos: Panfleto do comício de JK..... 70	
Deu no jornal: Na memória, para sempre..... 71	
Passando pelo DF: Memorial JK..... 72	
Capítulo 7	
Anos JK: construção de Brasília, elogios, oposições, críticas, dividas, dividas..... 75	
Moderno X antigo: de olho no lance!..... 76	
O que levou o governo JK a construir a capital?..... 78	
Atividades..... 80	
Trabalhando com documentos: Revista Informação Goyana..... 82	
Passando pelo DF: Centro Cultural Praça dos Três Poderes..... 84	
Tecendo a História: O dia que Brasília parou..... 85	
Deu no jornal: Vândalos picham Museu da Cidade..... 86	
Para saber mais: Designer faz arte no parque..... 86	
Para ler o Distrito Federal..... 86	
Capítulo 8	
“Rascunho”? “Rabiscos”? – O projeto urbanístico da nova capital 87	
Oscar Niemeyer: plantar cidades no deserto..... 88	
A lei que criou Brasília..... 91	
Atividades..... 92	
Deu no jornal: Cinco projetos de Niemeyer para Brasília..... 93	
Para ler o Distrito Federal..... 93	
Capítulo 9	
Enfim, mãos à obra! 94	
Que venham os candangos!..... 94	

Souvenir de Brasília – que ideia!..... 128	Capítulo 15
Guaraná Pioneira: uma delícia!..... 129	Brasil: um país de palácios 154
Para saber mais: Condomínios irregulares..... 129	Passando pelo DF: Os palácios de Brasília..... 156
Para ler o Distrito Federal..... 130	Tecendo a História: Catete..... 156
Capítulo 13	Deu no jornal: A decadência da Casa da Dinda..... 157
A ditadura militar: é proibido pensar, falar e criticar! 132	Para ler o Distrito Federal..... 158
A luta contra a ditadura..... 136	
Universidade de Brasília: a UnB..... 139	
Atividades..... 140	
Deu no jornal: 1977: o ano em que 30 alunos foram expulsos da UnB..... 141	
Tecendo a História: Sujismundo: ele lá e eu aqui!..... 142	
Para saber mais: Professores da UnB podem parar..... 142	
Para ler o Distrito Federal..... 142	
Unidade IV	
O tempo não para	
Capítulo 14	
Brasília: uma História com marcos e marcas 144	
Lá vêm mais notícias!..... 144	
Participação e Constituição..... 148	
Impeachment do presidente: O que é isso?..... 149	
Atividades..... 150	
Para saber mais: Entrevista – Licença-maternidade..... 151	
Deu no jornal: Indemnização nunca foi paga..... 153	
Para ler o Distrito Federal..... 153	
Capítulo 16	
Os direitos da criança e do adolescente 159	
O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA..... 159	
Meninos e meninas no Congresso Nacional..... 161	
Atividades..... 163	
Tecendo a História: O assassinato da menina Ana Lúcia..... 163	
Deu no jornal: A distância entre intenção e gesto..... 164	
Passando pelo DF: Um lugar para brincar..... 165	
Para saber mais: Meninos e meninas em Brasília..... 165	
Para ler o Distrito Federal..... 167	
Ainda há muita trança por trançar 169	
Atividades..... 170	
Tecendo a História: Está tudo registrado!..... 171	
Para ler o Distrito Federal..... 172	
Glossário 173	
Bibliografia 175	

Figura 17. Imagens da capa e do sumário do livro Distrito Federal: História e Sociedade.



Figura 18. Imagens da capa e do sumário do livro História do Distrito Federal.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam essa preocupação:

“O ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (PCN, 1997, p. 49).

Ainda com base no PCN, os conteúdos de História para o primeiro ciclo enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos. “A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia”, (PCN, 1997, p.29).

Tendo tido como bases para avaliação comparativa os quesitos exigidos pelo edital PNLD 2010 para aprovação da publicação, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Currículo em Movimento do Distrito Federal, obteve-se o resultado de que nos tópicos restantes ambos os livros obtiveram os mesmos conceitos. Na média geral o livro “DF: História e Sociedade” obteve maior conceito por ter se destacado nos itens acima citados.

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise de conteúdo dos livros, entrevistas e análise comparativa com os quesitos obrigatórios no edital do PNLD 2010 referentes aos livros didáticos de história geral e de história local utilizados na RA de Sobradinho verificou-se um atendimento parcial.

Mesmo havendo dois títulos de história local disponíveis, eles não estão em consonância absoluta com o Currículo em movimento do Distrito Federal e não atendem as necessidades das professoras em sala de aula, fazendo com que as mesmas procurem recursos externos para a complementação do material didático.

Os livros de história geral utilizados na RA de Sobradinho estão mais relacionados ao ensino curricular do quinto ano.

Evidenciou-se o esforço das professoras para complementar o ensino baseado no livro didático e a necessidade de ruptura do ensino de história tradicional.

REFERÊNCIAS

_____. **Guia de livros didáticos** 1º a 4º anos. PNLD 2010. Brasília: SEF/FNDE, 2010.

_____**Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático - PNLD 2010.** Brasília. : SEF/FNDE, 2009.

_____**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Currículo em Movimento para a educação básica/ Ensino Fundamental – anos iniciais.** Obra coletiva. Brasília- DF, 2013. 146p.

AGRA, Luciano. **O Olhar do historiador no ensino imagético em sala de aula.** Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/o-olhar-do-historiador-no-ensino-imagetico-na-sala-de-aula/20490/#ixzz3Glj5sy40>> Acessado em 15 out. 14.

ALVAREZ, Beatriz A. in MOREIRA, Marco A; AXT, Roland.(org).**Tópicos em ensino de Ciências.** Porto Alegre: Sagra, 1991.

ALVES, L. A. M. **A história local como estratégia para o ensino da história.** Porto: Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/8786/2/4880.pdf>>. Acessado em: 27 Jul.15.

ALVES, L. A. M. **A história local como estratégia para o ensino da história.** Porto: Universidade do Porto, 2006. Disponível em: <<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/8786/2/4880.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2014.

ARRAIS, Cristiano Alencar; Oliveira, Eliézer Cardoso de. **História do Distrito Federal – História Regional** , 4º ou 5 ano, Volume único. São Paulo, 2012.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Ensino de História Local: redescobrimos sentidos.** Saeculum – Revista de História: João Pessoa, 2006.

BARROS A. S.S. **Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 73, p. 257-278, set./dez. 2007. Disponível em<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em 25 de Nov. de 2014.

BERUTTI, Flávio; Marques, Ademar. **Ensinar e aprender História.** RHJ, Belo Horizonte, 2009. (pg 96 a 104) Capítulo 9: Como avaliar um livro didático de História?

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BORATO, D. L. et al. O livro didático como instrumento para a construção da subjetividade no processo de consolidação do currículo escolar. Cascavel, PR: UNIPAR, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia**. Brasília. MEC, SEF, 1997, 166p.

Breve História do Distrito Federal. Disponível em <
http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:88YTu6H_x38J:www.df.gov.br/processo-de-selecao-2009/doc_download/149-breve-historia-do-distrito-federal-.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acessado em 10 out. 14.

BRUZAROSCHI, Thatiane Tornal Pinela; Giaretta, Liz Andréia. **DE OLHO NO FUTURO – História 4º ano**. São Paulo, Quinteto Editorial, 2011.

CAMPOS, Claudinei José Gomes, **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4.

CAVALCANTE, Maria Eugênia Bellusci; Tavares, Rosemeire. **A Escola é Nossa – História, 4º ano**. São Paulo, Scipione, 2010.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um Lugar na Escola para a História Local**. Recife: ANPUH (texto mimeografado), 1995.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nivia de Lima **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120 p.

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia, v.14, n.28, p.139-152, mai./ago. 2004

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.2 Mar/Abril 1995^a, p.57-63. Pesquisa qualitativa- tipos fundamentais, In Revista de Administração de Empresas, v. 35 n.3 Mai/Jun 1995^b, p. 20-29.

GUERRA, João Henrique Lopes. (UFSCar). **Proposta De Um Protocolo Para O Estudo De Caso Em Pesquisas Qualitativas**. Disponível em

http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_tn_sto_133_848_14839.pdf> Acessado em 15 de out. 14.

Jornal Sobradinho Hoje. Edição online Disponível em <<http://jornalsobradinhohoje.wordpress.com/historia/>> Acessado em 07 out. 14.

LASSANCE, Adalberto. Brasília e Distrito Federal. **Imperativos institucionais.** Brasília, 2002, 33p.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática.** 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MANTOVANI, Kátia Paulino. **O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Impactos na qualidade do ensino público.** USP. Dep. De Geografia Humana. São Paulo, 2009. 126p. Disponível em: <<http://files.pibidletrasugb.webnode.com/200000038-4d45d4f374/O%20programa%20Nacional%20de%20Livro%20Did%C3%A1tico.pdf>> Acesso em: 15 Nov. 2014.

MINAYO, M.C. de S. (2010). **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

MIRANDA, Regina; De Luca, Tânia. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD.** Rev. Bras. Hist. vol.24 no.48 São Paulo 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200006&script=sci_arttext> Acesso em : 20 Nov. 2014.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático como mercadoria. Pro-Posições.** 2012, vol.23, n.3, p. 51-66. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000300004&lang=pt>. Acesso em: 01 Dez. 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local no Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local.** Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.

PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. **Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios.** História & Ensino: Londrina, 2007.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** 2º ed., 1º reimp. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2006. (p. 11 - 34).

PASSOS Célia; Silva Zeneide. **EU GOSTO – História, 4º ano.** São Paulo, Editora Ibep, 2011.

RIBEIRO, Miriam Bianca do Amaral; Valdez, Diane. **Distrito Federal: história e sociedade, 4º ano**: volume único – 1ª edição – São Paulo, FTD, 2011.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato. **O ensino de História nas séries iniciais: interfaces entre currículo, o saber e fazer docente**. Anais do I seminário internacional História do tempo Presente. Florianópolis. Udesc, ANPUH- SC; PPGH, 2011. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/391/313> > Acesso em 16 Nov. 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marco Antonio. **A fetichização do livro didático no Brasil. Educação e Realidade**. 2012, vol.37, n.3, p. 803-821. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000300006&lang=pt>. Acesso em: 01 Dez. 2014

SIMAN, Lana: **Memórias sobre a História de uma cidade: a História como Labirinto**. Artigo publicado em Educação em Revista, Belo Horizonte, 2008. ISSN 0102-4698. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100014> Acesso em 30 out. 2014.

THAHIRA, Rosane Cristina. **Projeto Buriti – História, 4º ano**. São Paulo, Editora Moderna, 2011.

VASCONCELOS, Simão D.; SOUTO, Emanuel. **O Livro Didático de Ciências no Ensino Fundamental - Proposta de Critérios para Análise do Conteúdo Zoológico**. Ciência e Educação, v. 9, n 1, p. 93 – 104, 2003. Disponível em: <http://www.academia.edu/5086276/An%C3%A1lise_do_conte%C3%BAdo_de_zoologia_de_vertebrados_em_livros_did%C3%A1ticos_aprovados_pelo_PNLEM_2009> Acesso em 28 out. 2014.

VASENTINI, José William; Martins Dora; Pécora, Marlene. **ÁPIS, – História 4º ano**. São Paulo, Editora Ática, 2011.

VENÂNCIO, Adriana; Katsue, Zenun; Markunas, Mônica. **Conhecer e Crescer – História, 4º ano**. São Paulo, Escala Educacional, 2011.

VRAC, Maxwel. **O ensino de História nos últimos trinta anos no Brasil.**
Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9176/9176_5.PDF. Acessado em
05 out. 14.

ANEXO A – Termo de Consentimento de entrevista



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ portador do RG. Nº _____, CPF: _____ aceito participar da pesquisa intitulada “Abordagem Da História Local Nos Livros Didáticos Utilizados Em Sobradinho/DF”, desenvolvida pela acadêmica Lizandra Figueredo Magalhães dos Santos e permito que obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica. Tenho conhecimento sobre a pesquisa e seus procedimentos metodológicos.

A entrevista será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica conforme resolução Nº 12/2009 do PPGE/FE/UnB que dispõe sobre a Ética na Pesquisa em Educação. Os resultados e conclusões obtidas na pesquisa, além de serem publicados na monografia de conclusão de graduação, poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em Congressos, Seminários ou publicados em diferentes meios.

As fotografias, filmagens e gravações de voz ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

Brasília,de de

ANEXO B –Carta de Apresentação da pesquisadora



Carta de Apresentação da pesquisadora

Por meio desta apresentamos (a) acadêmica **Lizandra Figueredo Magalhães dos Santos**, do 8º semestre do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, devidamente matriculada nesta Instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada ““Abordagem Da História Local Nos Livros Didáticos Utilizados Em Sobradinho/DF”. **O objetivo do estudo é** avaliar se os livros didáticos de história do ensino Fundamental das escolas do DF estão alinhados com a política nacional do Livro Didático e abordam a história local.

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através da coleta de dados (entrevista).

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura profissional e da iniciação à pesquisa científica em nossa região.

Atenciosamente,

Acadêmica

Prof. Dr. Orientador

Assinatura e carimbo do(a) Coordenador(a)
de Graduação Curso de Pedagogia

ANEXO C – Solicitação de autorização para pesquisa



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Solicitamos à Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho, autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica Lizandra Figueredo Magalhães dos Santos, orientada pelo Professor Dr. José Villar, tendo como título preliminar “Abordagem Da História Local Nos Livros Didáticos Utilizados Em Sobradinho/DF”.

O objetivo do estudo é avaliar se os livros didáticos de história do ensino Fundamental das escolas do DF estão alinhados com a política nacional do Livro Didático e abordam a história local.

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através da coleta de dados (entrevista). Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

A coleta de dados será feita através da aplicação de entrevista, conforme modelo anexo. A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição campo de pesquisa.

A acadêmica pretende entrevistar dois professores do 4º ano do Ensino Fundamental em cada uma das escolas autorizadas pela GEB/Sobradinho.

Como exigência da Coordenação Regional de Ensino, será encaminhada uma via original assinada para cada escola visitada e uma via ficará retida na Regional de Ensino.

Brasília, _____ de _____ de _____.



ANEXO D – Perguntas da entrevista realizada com as professoras

- Há quantos anos trabalha como professor (a)?
- Com qual livro você trabalha?
- O livro com o qual você trabalha em sala de aula foi o que escolheu?
- Se não, diga qual foi o outro e comente se ao comparar os títulos você percebe inconsistências/lacunas e semelhanças sobre a história do DF e Sobradinho.
- Você acredita que a história Sobradinho e do Distrito Federal estão bem contempladas no conteúdo apresentado pelo livro didático utilizado em sala?
- Utiliza algum material complementar ao livro didático?
- Como você trabalha a história de Sobradinho?
- Você acha necessária a utilização de material de apoio para trabalhar a história de Sobradinho? O que e como você utiliza?